A FEA-USP NO TEMPO

CONTRIBUIÇÃO À MEMÓRIA DE SEUS 60 ANOS

Diva Benevides Pinho

A FEA-USP NO TEMPO

contribuição à memória de seus 60 anos

São Paulo
2006

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Seção de Processamento Técnico do SBD/FEA/USP

Pinho, Diva Benevides

A FEA-USP no tempo: contribuição à memória de seus 60 anos / Diva Benevides Pinho. — São Paulo: FEA/USP, 2006.

61p.

Bibliografia.

1. Ensino superior – São Paulo (SP) – História 2. Faculdade – São Paulo (SP) – História 3. Economia – Estudo e ensino I. Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP II. Título.

CDD – 378.9881

Professora Titular, Membro do Alto Conselho do Departamento de Economia da FEA-USP, economista e advogada (FD/USP). < dbpinho@uol.com.br> < www.divabenevidespinho.ecn.br >

ESETec

www.esetec.com.br

Sumário

Apresentamos aqui, como contribuição à comemoração dos 60 anos da FEA-USP, uma síntese de nossos estudos a respeito da evolução da ciência econômica (PINHO, 2005) e da evolução do ensino de Economia na FEA-USP (PINHO, 1981, 1972), mesclada à nossa experiência de docência na USP – inicialmente, na então Cadeira de Economia Política e História das Doutrinas Econômicas da FFCL-USP (até o concurso de livre-docência); e, após a Reforma da USP/1969, no Departamento de Economia da FEA-USP, como Professora Adjunta e, em seguida, como profa. Titular e Chefe do EAE (durante dois mandatos de quatro anos).

Este trabalho compõe-se de *duas partes*: na *primeira*, tratamos da evolução do ensino de Economia ao longo dos 60 anos da história da FEA; na *segunda*, enfocamos um assunto ainda quase inédito nas pesquisas da FEA – a presença feminina no corpo docente.

Assim, na Parte I, mostramos que a orientação do ensino de Economia na FEA passou de *institucionalista* (primeiros anos da FCEA) a predominantemente *quantitativista* nos anos 1960, com a valorização de importante núcleo econométrico e disciplinas afins obrigatórias. Mas na década de 1980, embora valorizando as disciplinas indispensáveis à formação profissional de seus economistas, administradores e contabilistas, a FEA acompanhou a tendência que emergia nos EUA no sentido de complementaridade entre a economia quantitativa e as novas e variadas abordagens da Nova Economia Institucional.

Entretanto, devido ao enfoque deste trabalho-síntese, consideramos apenas a tendência evolutiva geral do ensino de Economia na FEA-USP. Por isso, o Departamento de Economia acabou tendo maior destaque em relação aos Departamentos de Administração e de Contabilidade/Atuária.

Aproveitamos a oportunidade para incluir algumas reminiscências a respeito das interações entre os estudos econômicos dos Cursos de Ciências Sociais da FFCL (Rua Maria Antônia) e da nascente FCEA (Rua Dr. Vila Nova), quando ambas ainda eram vizinhas na Vila Buarque.

Na *Parte II,* acrescentamos uma inovação para os arquivos de Memória da FEA – a presença feminina nos 60 anos de funcionamento da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade. Contudo, esta Parte II está incompleta por ser apenas um resumo introdutório de uma pesquisa nossa, ainda em andamento: *Docentes e executivas na FEA-USP – o gênero em debate.* Este tema inclui nossas reflexões e estudos teóricos desde o período 1997-2000, quando representamos o gênero cooperativista brasileiro em comitê especial da ACI (Aliança Cooperativa Internacional, Genebra, Suíça), a convite de seu então Presidente Roberto Rodrigues, ex-Ministro da Agricultura (PINHO, 2000).

Deliberadamente, não tratamos de assuntos que fugiam aos objetivos desta síntese, tais como os Cursos de Pós-Graduação, o apoio das fundações FIPE, FIA e FIPECAFI (ver Canabrava, 1988), as mudanças na carreira acadêmica (ver ALVES, 1988), os recentes *cursos inter-unidades* e alguns *Núcleos de Apoio* (NA), ou os órgãos temporários organizados por docentes da FEA e de outras Unidades, "em torno de um determinado programa definido para desenvolver as atividades-fins da USP" (art. 53 do Regimento Geral da USP, 1988).

Preferimos, ainda, evitar rodapés explicativos (geralmente pouco lidos...) e recorrer ao destaque de *textos nossos* com margens menores e espaços simples, infringindo normas usuais da ABNT, mas com o intuito de esclarecer um fato ou acrescentar alguma informação.

Se o leitor se lembrar de algum fato interessante a respeito das reminiscências aqui apresentadas, favor mandar-me e-mail < dbpinho@uol.com.br >.

Parte I.

O ensino da Economia na FEA-USP

1. A criação da FEA na capital paulista em mudança

O passado da FEA-USP é parte da vida de cada um de nós, seus professores, funcionários e alunos.

A reconstituição desse passado é "uma aventura da sensibilidade, não apenas um esforço de pesquisa pelos arquivos" – como observou Gilberto Freyre (Prefácio da 1ª Ed. de Casa Grande & Senzala).

A FEA-USP, então FCEA (Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas), embora prevista no Decreto de criação da USP (1934), nasceu em 25 de janeiro de 1946, com o Decreto-Lei n. 15.601 do interventor federal em São Paulo, José Carlos de Macedo Soares, justamente na década em que ocorriam várias e importantes mudanças, tanto no mundo quanto no Brasil.

Entre as principais mudanças que serão destacadas neste estudo, duas importantes exerceram grande influência sobre a nova Faculdade, como se verá adiante:

⇨ a primeira, modelou seu *background* peculiar – resultante da rápida industrialização da Capital paulista, e que a transformou na grande Metrópole Industrial do Brasil, oferecendo importante campo de novas atividades para os futuros economistas, administradores e contabilistas;

⇨ a segunda, de caráter didático, surgiria após algumas crises internas na recente FCEA, no final dos anos 1950, contribuindo para o fortalecimento do ferramental de trabalho dos novos economistas, e estava relacionada à *revolução matematizante* da ciência econômica nos EUA, durante a Segunda Grande Guerra, como parte de seu monumental esforço para vencer a luta. Tal mudança teria grande peso na reestruturação do ensino de Economia na FCEA, quase no final de seus primeiros dez anos de funcionamento, e levaria a uma reciclagem, não sem traumas, de parte de seus docentes. E assim a FCEA passava de uma *Economia Política* predominantemente *institucional,* desenvolvida na USP via França e Itália, principalmente, para uma *Teoria Econômica* unificada à Estatística Econômica e à Matemática com o objetivo básico de compreender as relações quantitativas da vida econômica.

1.1. Um pouco de história

No início da década 1940, a economia paulista já sentia falta de uma Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade no complexo da Universidade de São Paulo, que realizasse pesquisas e fornecesse dados e orientação técnica ao empresariado público e privado, aturdido com as rápidas mudanças da realidade econômica e financeira acelerada desde a 2ª Grande Guerra (1939-1945).

Nessa nova realidade, que se tornava diversificada e complexa, destacavam-se duas áreas em expansão na Capital paulista – a *industrialização,* com a multiplicação de centenas e centenas de pequenas e médias empresas e algumas dezenas de indústrias relativamente grandes, em geral de patrimônio familiar, embora muitas vezes disfarçadas de sociedade anônima; e o *sistema financeiro e bancário,* tão necessários à estruturação do desenvolvimento econômico e social.

Era escasso, porém, o trabalho de assessorias específicas para analisar os diversos setores da economia e oferecer material e opções à decisão dos empresários e/ou dirigentes públicos. Aliás, na década de 1940, tal assessoria também era de grande interesse para as atividades do Estado, cujo nacionalismo e populismo começavam a encarar a industrialização como importante alternativa para o desenvolvimento do Brasil.

A FEA-USP significava, então, a resposta técnica aos novos desafios econômicos e financeiros, muitos deles imbricados em questões políticas, sociais, culturais e educacionais. Era também uma inovação que ofereceria ao mercado especialistas preparados em ambiente de *meritocracia*, e sua afirmação profissional e ascensão social dependeriam, em grande parte, de sua própria competência, diferentemente dos critérios, até então predominantes, para preenchimento de vagas no funcionalismo público em expansão.

1.1.1. A rápida ebulição das mudanças externas e internas

No *plano internacional*, os problemas de reconstrução dos países após a devastadora guerra internacional, provocaram importantes inovações assim que terminaram os conflitos. Em Bretton Woods (EUA, 1945), com a presença dos dirigentes dos países vencedores e de algumas personalidades (entre as quais o economista inglês John Maynard Keynes), foram criados organismos internacionais que exerceriam grande influência sobre a economia dos países emergentes.

O FMI (Fundo Monetário Internacional), o Banco Mundial ou BIRD (Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento) e o GATT, Acordo

Geral de Tarifas e Comércio (substituído, em 1995, pela OMC, Organização Mundial do Comércio), foram criados em Bretton Woods.

Nessa mesma ocasião, o mundo conheceu o início da *Guerra Fria* – um conflito diferente, porém longo e complexo, cujos focos de tensões políticas e ideológicas criariam amplo confronto entre capitalismo e comunismo. Seus protótipos, os EUA e a então URSS, eram as mesmas duas grandes potências "aliadas", vencedoras do "eixo inimigo" Alemanha, Itália e Japão...

No *plano interno,* as mudanças também eram grandes e profundas. O Brasil, economia primário-exportadora que se desenvolvia "voltada para fora", foi obrigado a realizar um grande esforço para suprir parte da demanda de seu próprio mercado, durante os conflitos da Segunda Grande Guerra.

Com o longo declínio das exportações e das importações, rompeu-se o modelo brasileiro tradicional de produção. Novas estruturas tiveram de ser implantadas para a produção industrial e atividades afins; várias medidas públicas e privadas estimularam o financiamento de inovações tecnológicas e a adequação das estruturas de trabalho, ensino e de formação de mão-de-obra.

Então, no contexto brasileiro, São Paulo e sua Capital atravessaram, um período de amplas e aceleradas mudanças *econômicas, políticas, sociais, culturais e educacionais.*

As *mudanças econômicas* mais evidentes resultavam do rápido e diversificado crescimento industrial, inicialmente centrado na produção de bens de consumo que não podiam ser importados do exterior.

Mas aquele crescimento só foi possível no *Estado de São Paulo* graças à junção de vários fatores favoráveis, entre os quais se destacaram a acumulação de capital decorrente da economia cafeeira, o aumento populacional, a formação de um operariado industrial (ao mesmo tempo consumidor e força-de-trabalho), o surgimento de novas camadas médias urbanas e a emergência de um empresariado industrial – composto sobretudo por dirigentes de sua própria empresa (pequena ou grande); inspirados pela intuição e pela experiência individual, que tentavam se entre-ajudar por meio de associações de classe (comércio, indústria).

Na *Capital paulista*, outros fatores contribuíram positivamente, tais como a ampliação da infra-estrutura urbana e a criação de importantes serviços de utilidade pública, provocando a ascensão de diferentes estratos sociais.

1.1.2. Oportunidades de ascensão social na Capital paulista

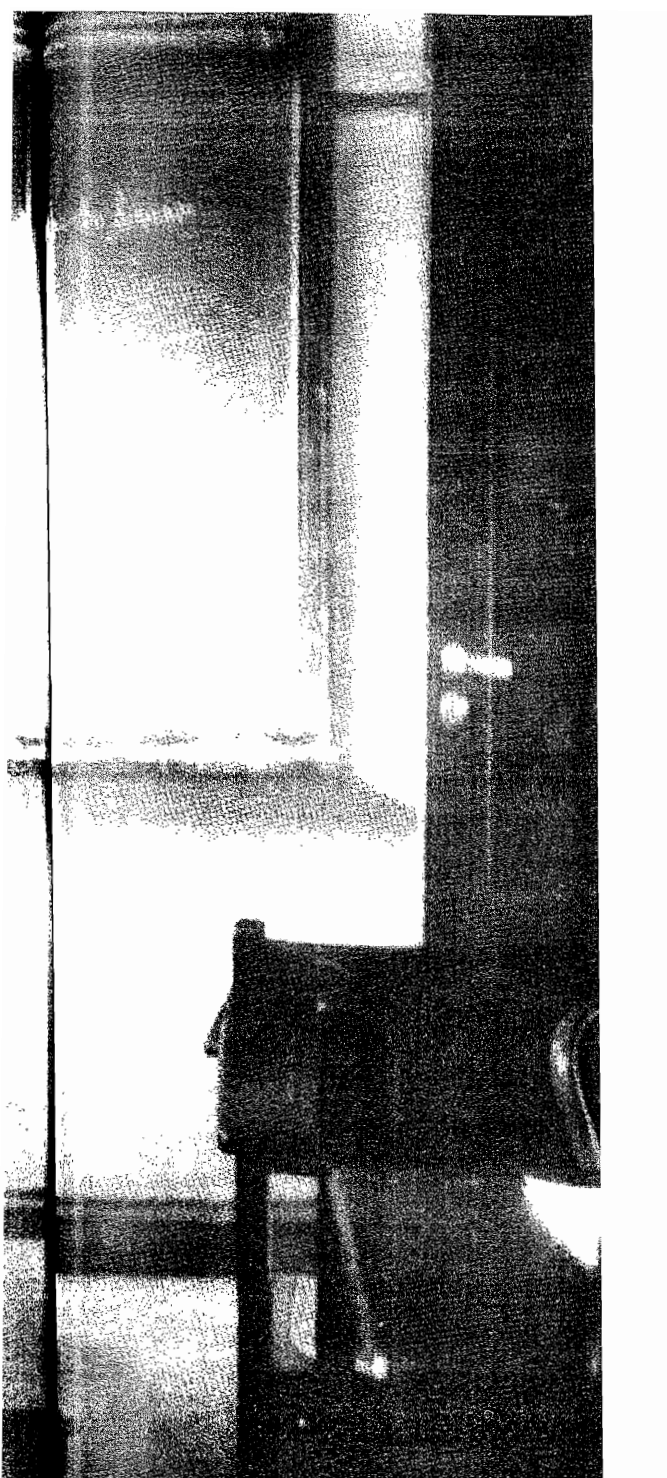
Com o desenvolvimento industrial e a concomitante aceleração do crescimento urbano, começou a se acentuar em São Paulo certa mobilidade social horizontal e vertical. A mão-de-obra, que chegava em busca de trabalho e emprego, encontrava oportunidades para se movimentar entre grupos da mesma camada social ou até mesmo entre camadas sociais diferentes, sobretudo quando valorizada pela educação. E nessa época, já estava sendo difundido o ensino público gratuito de segundo grau (ginásios, escolas normais, escolas técnicas) e de terceiro grau (a USP havia sido fundada em 1934).

Assim, expandia-se a classe média paulista, até então reduzida, ocupando funções em repartições públicas (principalmente nas áreas de saúde e de educação), em empresas estatais e particulares, e também no setor terciário em geral.

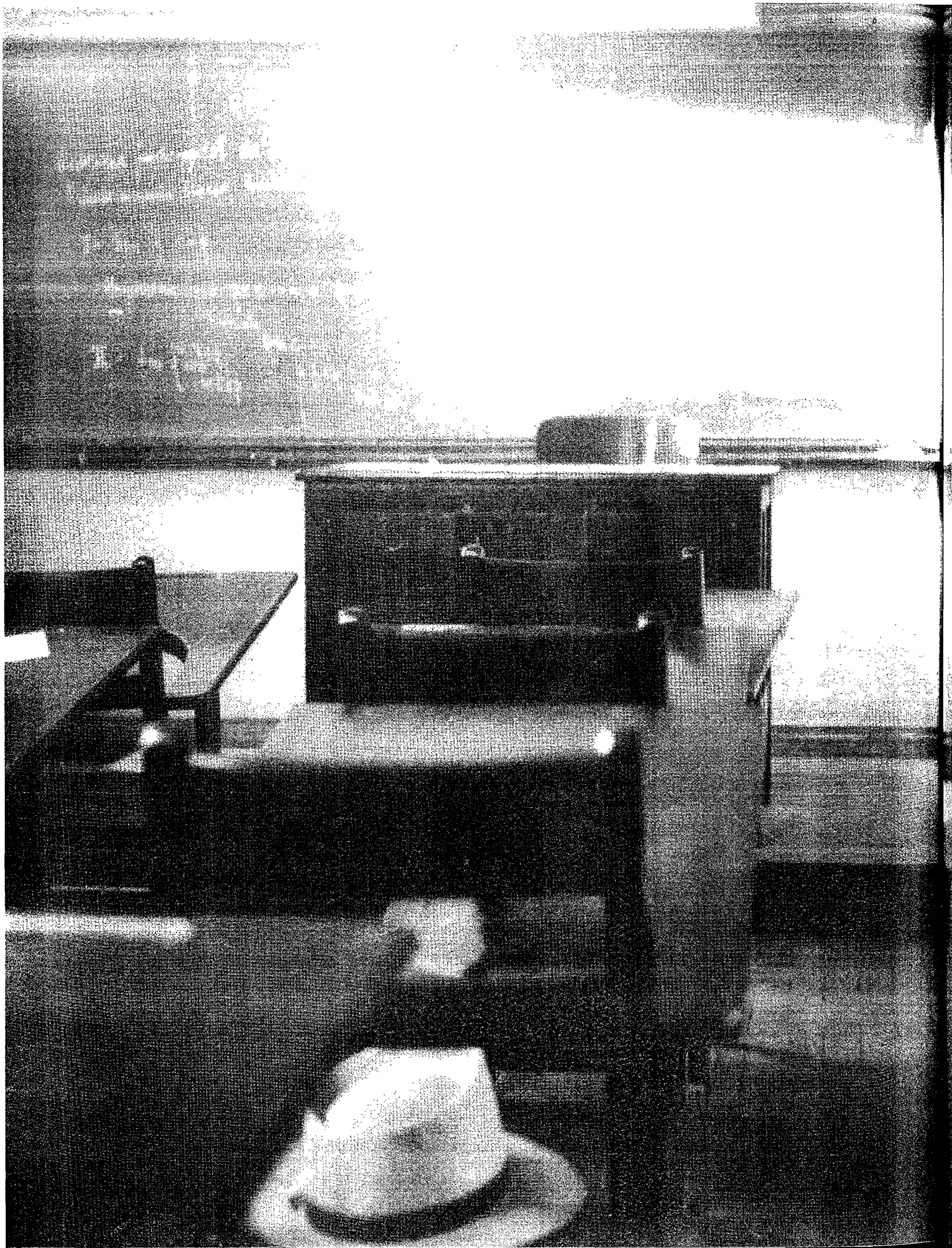
Antigos e pequenos proprietários rurais, muitos deles decadentes, começaram a ocupar postos na administração pública ou em escritórios comerciais, bancos e indústrias.

Para os altos postos da administração, entretanto, era freqüente a indicação de *apadrinhados* dos grupos dominantes... A exigência de preenchimento de vagas por concurso público seria adotada posteriormente.

A Capital paulista oferecia maiores oportunidades de emprego público e privado, de ascensão social, de melhor qualidade de vida e de educação. Atraía diferentes culturas e tradições, trazidas por imigrantes de vários países e por migrantes brasileiros em busca de uma vida melhor.

Sua efervescência econômica era tal, que três cidades se sucederam em apenas um século, como observa Benedito Toledo: da modesta cidade que se expandia dentro em um "Triângulo" (cujos vértices eram os conventos do Carmo, São Bento e São Francisco), São Paulo passou à *Metrópole do Café* e, em seguida, à *Metrópole da Indústria.*

Então, a Capital paulista abandonou os modos de vida do passado colonial, distanciou-se do interior paulista e rompeu uma estagnação de mais de três séculos.

E assim, à época da fundação da FEA-USP, São Paulo, a grande Metrópole Industrial, exigia especialistas, sobretudo nas áreas de economia, administração e contabilidade.

Sala de aula na Rua Dr. Vila Nova (Vila Buarque), em São Paulo, na década 1940 (época do quadro negro e dos chapéus Ramenzoni...)

Mas o ensino formal daquela época preparava especialistas para outras áreas, sobretudo direito e engenharia, ou para a área contábil, mas ainda em número insuficiente (caso da Escola de Comércio Álvares Penteado, citada mais adiante). O crescente dinamismo industrial de São Paulo demandava, cada vez mais, técnicos que orientassem as atividades das empresas privadas e públicas em expansão. Por outro lado, era praticamente impossível trazer "Missões" estrangeiras, tal como o fizera a USP, antes da Segunda Grande Guerra, quando recebeu grandes professores, sobretudo da França, Itália e Alemanha. Os tempos eram outros e o Brasil precisava, urgentemente, "produzir" seus especialistas aqui mesmo, orientados por professores das próprias faculdades brasileiras.

Na década de 1940, dois congressos insistiram na necessidade de apoio e intensificação da industrialização no Brasil, do desenvolvimento de pesquisas econômicas e da criação de centros de estudos e de formação de pesquisadores e de economistas – o I Congresso Brasileiro de Economia (Rio de Janeiro, 1943) e o Congresso Brasileiro de Indústria (São Paulo, 1944).

1.1.3. A demanda de especialistas da área econômica e financeira

Nos anos 1940, sentia-se claramente a escassez de especialistas para elaborar dados reais e controláveis. Sentia-se, também, a falta de técnicos para realizar planos e programas de desenvolvimento, tanto para empresas estatais (abrangendo desde o controle e a orientação do orçamento público à orientação de políticas públicas para a indústria, comércio, agricultura e serviços), quanto para empresas privadas (e seus variados setores, em especial a indústria e os bancos), e também para oferecer soluções alternativas aos múltiplos problemas da economia, finanças, mercado, entre outros.

Para tentar suprir essa escassez, vinham se multiplicando Conselhos, Comissões, Coordenadorias e outras iniciativas, com a participação governamental (Federal, Estadual e Municipal) e de empresários.

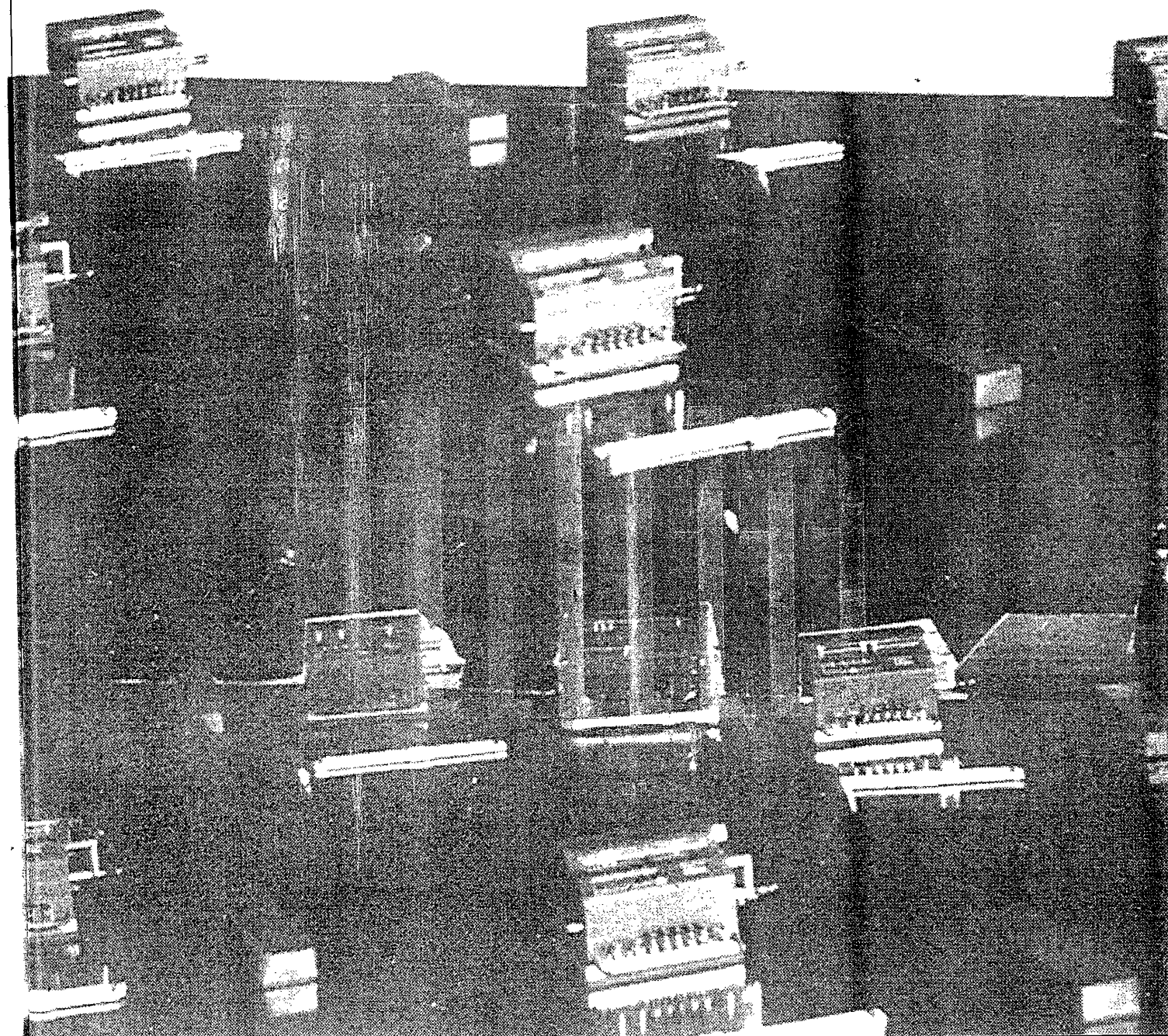
Havia consenso quanto à necessidade: (a) de novos centros de estudos de conjuntura econômica e de análises para a compreensão das transformações em curso na sociedade paulista e brasileira e para a orientação das atividades essenciais ao desenvolvimento econômico do Estado de São Paulo e de sua Capital; (b) de recursos humanos para essas múltiplas atividades, sobretudo pesquisadores, economistas, administradores e financistas.

Tornava-se imperiosa a criação de uma Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade na Capital de São Paulo, para atender a essas múltiplas necessidades.

1.1.4. A FEA, um "modelo paulista" de Faculdade

Importantes inovações na *área do ensino*, na década 1940, abriram caminho para a implantação da FEA. Uma delas foi a superação do *dualismo do sistema educacional* com a *Reforma Fernando de Azevedo* (1933), que fortaleceu o ginásio e o transformou em uma espécie de ponte entre o ensino primário e os cursos de introdução às faculdades. As Escolas Normais e o ensino comercial também foram reconhecidos, em 1945, como propedêuticos aos cursos superiores, estimulando uma permeabilidade horizontal e vertical que facilitaria a criação de Faculdades de Economia.

Cronologicamente, em 1945, antes da criação da FEA, o ensino da disciplina *Economia Política*, de caráter predominantemente social e institucional (Hugon, 1948), era ministrado na USP como suporte aos cursos da Faculdade de

Aula de Estatística Econômica – os alunos usavam a calculadora Facit (década 1950).

Direito (criada em 1827, na mesma época da Faculdade de Direito de Olinda), da Politécnica (fundada em 1873), e da Faculdade de Filosofia, mais recente, criada em 1934 juntamente com a USP.

No ensino particular, Economia Política fazia parte do currículo de duas Escolas anteriores à criação da USP: a *Escola de Sociologia e Política* (hoje Fespsp), de 1933 (mais tarde Instituto Complementar da USP), fundada por iniciativa do empresário-industrial Roberto Cochrane Simonsen (que nela lecionou História Econômica do Brasil e cujas aulas atraíam um grande número de ouvintes, inclusive os professores franceses da Faculdade de Filosofia); e a *Escola de Comércio Álvares Penteado* (hoje Fecap), com mais de cem anos de prestação de serviços na área de contabilidade.

A Economia Política fazia parte, também, do currículo de Faculdades *particulares* de Economia e Finanças, em funcionamento desde a década de 1930, e cuja expansão nos anos 1940/50 indicava o aumento da demanda de educação superior, embora ainda sem um padrão oficial de ensino (Canabrava, 1988, v.1.).

Mais tarde, em 1944, a FGV, Fundação Getúlio Vargas, representaria importante centro de ensino e de pesquisa de Economia no Brasil.

Historicamente, houve as *Aulas de Comércio* (1809) no Rio de Janeiro, então "empório comercial do Império, grande porto exportador de café, sede de importantes firmas estrangeiras, centro de crescente atividade bancária, eixo da vida política do País". Eram mantidas e fiscalizadas pela Real Junta de Comércio, Agricultura, Fábricas e Navegação. Nada se conhece, porém, sobre seu elenco de disciplinas. Sua reformulação em 1845/46 indicava Economia Política e Direito Mercantil como matérias do exame final (Canabrava, 1981 v.1, p. 25).

Em 1856, as aulas de Comércio da Corte foram transformadas no Instituto Comercial do Rio de Janeiro, aproximando o ensino comercial brasileiro dos padrões das escolas de Leipizig e Paris (Bueno,1964).

Ainda do ponto de vista histórico, o pioneiro do ensino de Economia Política no Brasil foi José da Silva Lisboa, o futuro Visconde de Cairu (autor dos *Princípios de Economia,* Lisboa, 1804), nomeado professor da primeira Cadeira de Aula Pública de Economia Política pelo Decreto de 23-02-1808, do príncipe Regente e futuro D. João VI.

No complexo da Universidade de São Paulo, a FEA, criada na Capital paulista em 1946, foi a primeira Unidade dedicada especialmente ao ensino e à pesquisa das ciências econômicas, administrativas e contábeis.

1.2. O ambiente social e cultural da Capital paulista

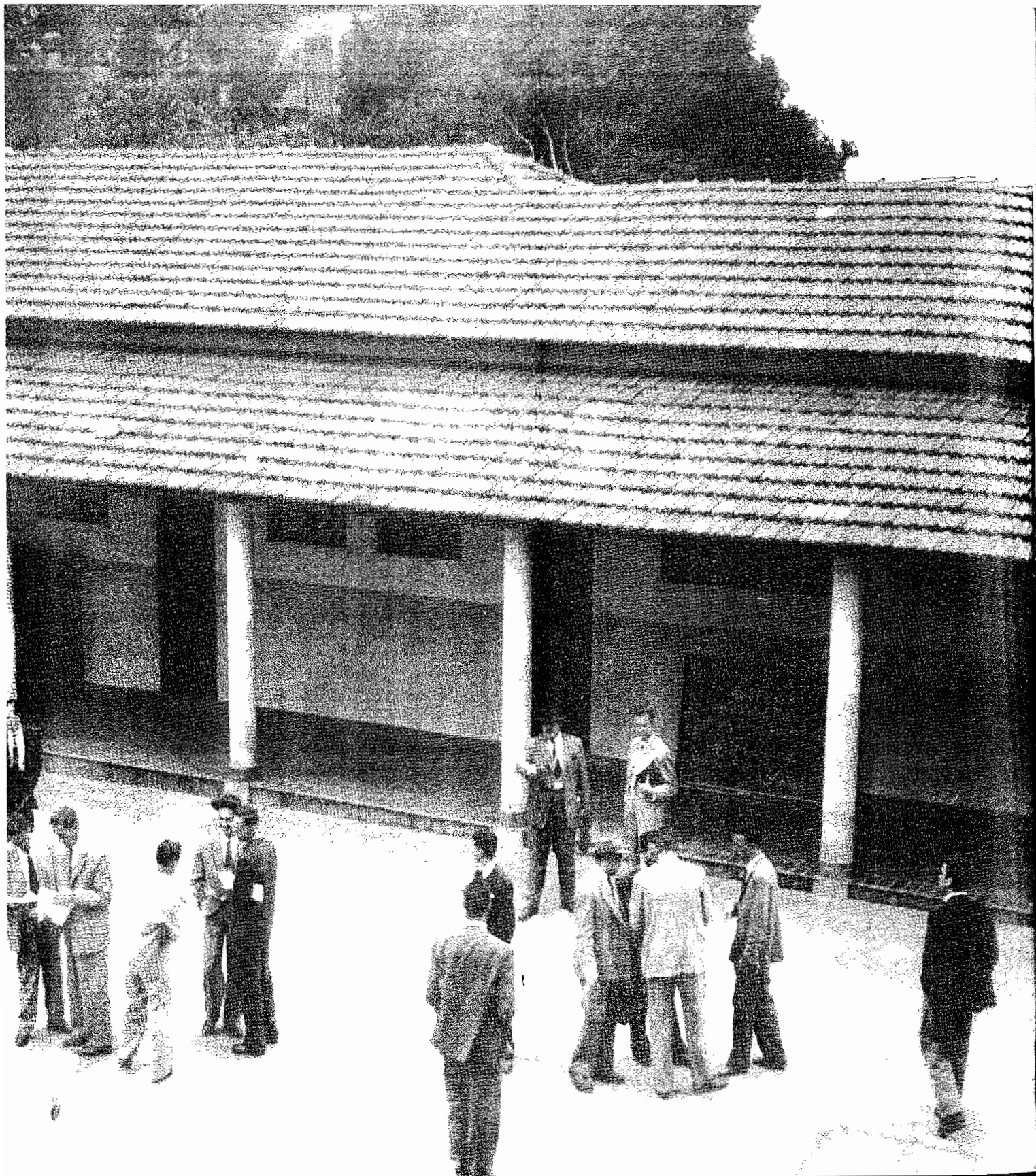
São Paulo, com uma população da ordem de 1 milhão e 330 mil habitantes, era, em 1940, a segunda maior cidade brasileira, ultrapassada apenas pelo Rio de Janeiro, então Capital Federal.

A cidade começava a adquirir feições meio parisienses, meio londrinas, somadas a uma certa "dignidade" do pedestre – que desapareceria com o crescente aumento da população e, conseqüentemente, dos meios de transporte individuais e coletivos (sobretudo a partir da década de 1950, devido à produção interna de veículos automotivos).

Cafés, parques e ambientes de sofisticação típica da *burguesia européia*, eram acentuados pelo misticismo da garoa paulistana. Grandes construções inspiravam-se direta ou indiretamente na Escola de Belas Artes de Paris, como por exemplo, a Estação Júlio Prestes ou Sorocabana, projetada pelo agrônomo Samuel das Neves e seu filho Cristiano das Neves, que estudou arquitetura na Universidade da Pensilvânia, nos EUA, e foi particularmente influenciado por professores identificados com as orientações da Escola de Belas Artes de Paris.

Em plena região subtropical brasileira, a capital paulista, envolvida por um certo mistério do *fog* londrino e do *charme* de Paris, teimava em repetir um "quê" do clima da *belle époque.* E no quotidiano das grandes famílias de linhagem aristocrata ou *quatrocentona,* o saudosismo de Paris – *carrefour du monde* – transparecia na conversação em francês e nas modas trazidas dos *Magasins du Printemps* e das *Galéries Lafayette* (que, ainda hoje, embora popularizadas, continuam encantando os turistas brasileiros).

O centro de São Paulo já contava com o Teatro Municipal (inaugurado em 1911), o Viaduto de Santa Efigênia (1913 – projeto de arquiteto italiano e estrutura importada da Bélgica), e o Viaduto do Chá (de 1891, reformado em 1939). O *Mappin Stores,* transferido da Rua 15 de Novembro para a Praça Ramos de Azevedo (1939), atraía senhoras da sociedade paulistana para compras e o chá da tarde. Tulipas eram importadas da Holanda para deleite dos chiques moradores dos apartamentos que se erguiam na Rua São Luiz.

O centro da Capital paulista foi valorizado, nos anos 1950, com uma espécie de *pinacoteca a céu aberto.* Artistas plásticos como Portinari e Di Cavalcanti, convidados por arquitetos modernistas, dialogavam com ousadas construções: Cândido Portinari, no interior da *Galeria Califórnia* (R. Barão de

Área comum de "recreio", entre a FFCL na rua Maria Antônia e a FCEA na rua Dr. Vila Nova.
Época dos alunos de terno, gravata e chapéu...

Itapetininga, 255), projetada por Niemeyer, pintou um de seus raros abstratos de (20m x 6 m); Di Cavalcanti registrou sua presença em três edifícios: no *Triângulo*, (Rua José Bonifácio, 24), projetado por Oscar Nirmeyer em 1951, com uma obra em mosaico de vidro; na entrada do *Edifício Montreal* (Av. Ipiranga com Cásper Líbero), com um pequeno mural abstrato; e no *Hotel Jaraguá* (R. Martins Fontes, 71), com um mural na parte externa representando a imprensa.

Para a alegria dos admiradores do futebol, o Estádio do Pacaembu começou a funcionar em 1940 (o Estádio do Morumbi surgiria em 1960), bem como o autódromo de Interlagos e, no ano seguinte, o Hipódromo da Cidade Jardim.

Juntamente com os alunos regulares de vários cursos da FFCL-USP, compareciam *ouvintes* da elite intelectual paulistana, inclusive senhoras de luvas e *petit chapeau*, sobretudo nas aulas dos professores da Missão Francesa que aqui permaneceram durante a 2ª Grande Guerra. Em Ciências Sociais, eram disputadas as aulas em francês de Economia Política, História das Doutrinas Econômicas, Metodologia da Ciência Econômica e de Sociologia.

A FFCL "era, provavelmente, o edifício com a maior densidade intelectual por metro quadrado como jamais se reuniu na cidade de São Paulo" (GOLDEMBERG, 1988). Nela, forte efervescência intelectual entre professores e alunos atuava como uma espécie de fermento que geraria importantes tendências políticas posteriores.

E assim, a FFCL realizou os ideais dos fundadores da Universidade de São Paulo – criar uma elite preparada para entender a realidade nacional e sugerir caminhos para a solução dos problemas do País. Ideais expressos em seu Estatuto – "promover e desenvolver todas as formas de conhecimento, por meio do ensino e da pesquisa", e formar "pessoas capacitadas em todas as áreas do conhecimento".

Com o desmembramento da FFCL em uma dezena de Institutos espalhados pela Cidade Universitária, seu fermento intelectual acabou se espalhando e dinamizando toda a USP.

1.3. A vizinhança da pragmática FEA-USP com a politizada FFCL-USP

A FEA-USP surgiu nessa vizinhança, isto é, na Rua Dr. Vila Nova, esquina com a Rua Maria Antônia. Na confluência das duas ruas, um bar estava sempre cheio de estudantes da FEA e da FFCL. Entre a FFCL e a FCEA, havia um pátio interno comum, conhecido como "área de recreio".

Podia-se passar por dentro de uma Faculdade para se chegar à outra – mas em 1968, quando do AI-5, o problema se complicou. Certo dia, houve uma ampla "batida" de militares armados: barraram as entradas da Maria Antônia e da Vila Nova, e encheram dois ônibus de "suspeitos comunistas". Conta-se que cães amestrados localizaram professores da FFCL que se esgueiraram pelo pátio interno e se esconderam em baixo de mesas e dentro de armário-vestiário da FCEA.... Conta-se também que a FCEA conseguiu trancar a porta que dava para a Rua Dr. Vila Nova, mas os militares romperam a fechadura à bala e encontraram um grupo de temerosos funcionários tendo à frente um pálido secretário que acenava um lenço branco dizendo "somos funcionários"...

Mas há também lembranças agradáveis – Oswaldo, o barbeiro sempre cordial, atendia professores e alunos das duas faculdades. Na lanchonete, também comum, apesar das diferenças na participação da política universitária, professores e alunos de ambas as Faculdades conviviam pacificamente. Nas vitórias do Brasil nas Copas do Mundo de 1958 e 1962, os *torcedores* das duas faculdades também se confraternizaram.

O futebol exercia grande fascínio sobre os alunos da FCEA. Introduzido informalmente no Brasil por volta de 1870, por marinheiros ingleses e empregados de empresas inglesas em São Paulo, foi oficialmente implantado em 1895 por Charles Muller. Profissionalizado desde 1933, tornou-se o maior esporte popular do Brasil. Conta-se que alguns alunos, hoje profissionais de renome internacional, para não perder a aula nem os grandes lances das Copas, abaixavam-se discretamente na carteira e ouviam um radinho de pilha encostado ao ouvido.

E na hora de lutar por aumentos salariais dos professores da USP, lá estavam unidos Freitas Bueno, da FEA, e Fernando Henrique Cardoso, da FFCL... Chegaram a conseguir equiparação salarial com a Magistratura. Mas de duração efêmera.

A FFCL era um forte complexo educacional com múltiplos cursos de várias áreas do conhecimento, o que facilitava o intercâmbio cultural de professores e alunos. Com a Reforma Universitária de 1968, desmembrada em múltiplas Unidades, pulverizou-se fisicamente no *campus* da CUASO, Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira. Mas culturalmente, permaneceu a dedicação à pesquisa e o interesse pela análise das questões nacionais que a FFCL semeou.

Fachada da então FCEA, Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas, na Rua Dr. Vila Nova (Vila Buarque), na Capital de São Paulo.

Por caminhos diferentes, a FFCL e a FEA dedicaram-se à reformulação e à orientação da economia brasileira e paulista: os alunos de Ciências Sociais, priorizando debates e movimentos políticos; os alunos da FEA-USP, exigindo ferramentas matemáticas e estatísticas para a construção de modelos de análise das empresas privadas e públicas.

Essa diferença entre os dois vizinhos da USP contribui para se entender o movimento grevista de alunos que a recém-fundada FEA enfrentaria de 1955/57, exigindo, principalmente, sua reestruturação educacional (PINHO, 1988).

Numa tentativa de avaliar a orientação dos estudos econômicos na FFCL e na FEA, pela visão da origem das duas faculdades, podemos destacar que ambas foram criadas para analisar e entender a realidade nacional, mas por ângulos diferentes.

Preparação do terreno e colocação de estacas para a construção do primeiro edifício da FEA na Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira (Butantã), Capital paulista.

1.4. A transferência da FEA para a Cidade Universitária

A convivência da FEA com a FFCL desapareceu quando esta foi transferida às pressas para o campus da USP, em 1968, e logo depois, desmembrada em diversas Unidades, foi espalhada em vários prédios da Cidade Universitária.

Em 1970, a FEA também deixou a Vila Buarque para ocupar oficialmente seu novo prédio na Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira. Era o FEA-1, e atualmente são seis prédios em funcionamento na Av. Prof. Luciano Gualberto, n. 908, ao lado de vários bancos e da ECA (Escola de Comunicação e Arte), tendo quase em frente a FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo).

Concomitantemente com a grande expansão econômica, financeira e de serviços na capital paulista e no Estado de São Paulo, expandiram-se e aprofundaram-se as áreas de estudos econômicos, contábeis e administrativos da FEA-USP (cf. o item 3 deste trabalho).

2. Da Economia Política à *matematização* da ciência econômica

Na FEA, a introdução do ensino de Econometria provocou certa tensão e algumas crises (logo superadas) entre as cadeiras dos professores de orientação econometrista e de formação institucionalista.

Notícias de polêmicas entre essas duas correntes, nos EUA, entretanto, pouco influíram no quotidiano da FEA. Àquela época não havia as facilidades de comunicação por internet e a Segunda Grande Guerra havia interrompido todo tipo de intercâmbio cultural e, sobretudo, o mercado internacional de livros e revistas no mundo ocidental.

A dificuldade de importação de material didático e técnico de Economia, somada às limitações financeiras da USP, perdurou durante vários anos. E no Brasil não havia editoras de livros didáticos de economia. Os poucos estudos que começaram a chegar nos anos 1950, enfatizavam o desenvolvimento econômico e vinham, sobretudo, via tradução do Fundo de Cultura do México (Paul Baran, Charles Kindleberger, Walt W. Rostow, Paul M. Sweezy e vários outros).

A respeito da limitada bibliografia de Economia, então disponível nos primeiros anos de funcionamento da FEA, apresentamos dois testemunhos atuais: um, de Antônio Delfim Netto – que foi aluno da 3ª Turma (1948/51) e na FEA seguiu

a carreira acadêmica até a cátedra (concurso em 1963); e o outro, desta autora, última discípula do grupo institucionalista criado pela Missão Francesa na FFCL-USP – origem, também, de significativo número de docentes da FEA (PINHO, 1981):

⇨ no início da FEA, um grupo de professores interessados na aplicação da matemática à Economia só dispunha, em 1946, do livro *Principles of Economics*, do inglês Alfred Marshall (originalmente professor de matemática), publicado em 1890 e com dezenas de reedições – obra clássica que revolucionou o ensino da economia no mundo e cujo apêndice matemático, segundo Delfim Neto, fascinou o Prof. Luiz de Freitas Bueno. "Tudo está em Marshall, dizia-se em Cambridge e aceitava-se no Brasil". Somente a partir de 1950 as faculdades brasileiras tiveram acesso ao *Economics,* de Samuelson, publicado nos EUA em 1948. A revolução keynesiana, observa atualmente Delfim, "chegou tardiamente na FEA, já nos anos 1950, por via desidratada e matematizada, sem os seus ingredientes fundamentais, a incerteza e as expectativas" (DELFIM NETTO, 2006).

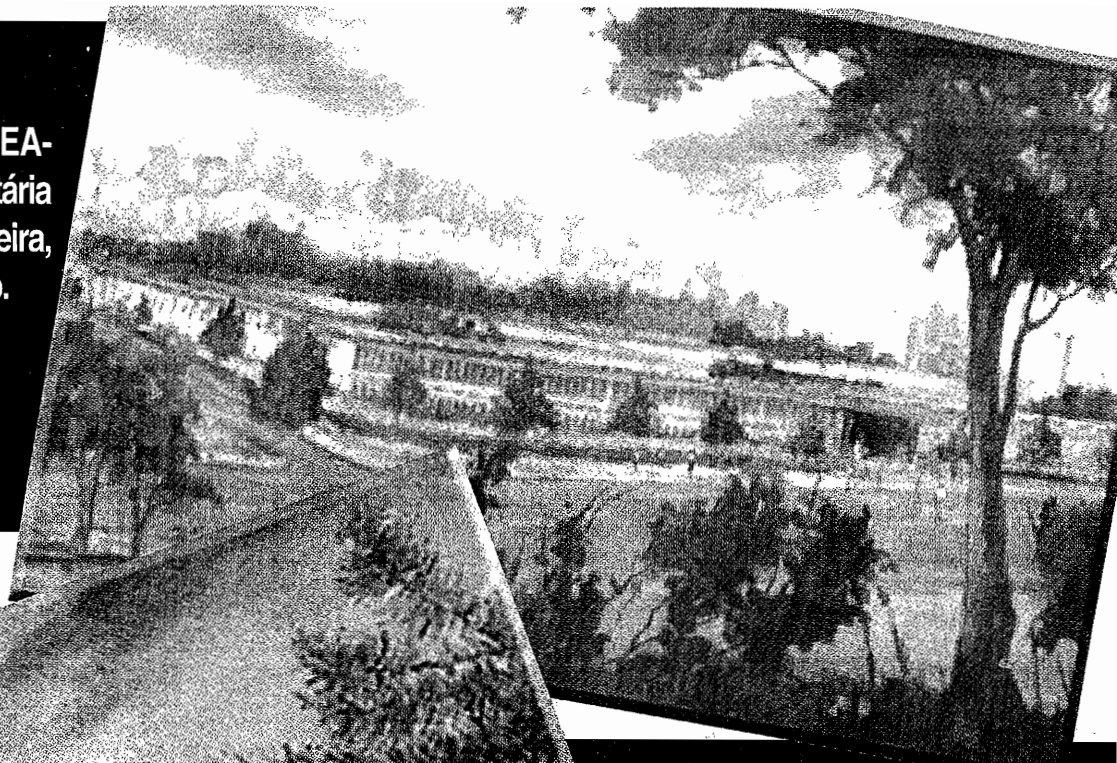
⇨ segundo levantamento nosso, com base em Anuários da FFCL, lecionaram na Cadeira de Economia Política da FFCL-USP vários mestres da Universidade de Paris, todos eles *institucionalistas* – em 1936, veio François *Perroux*, que seria considerado, juntamente com Gunnar Myrdal (prêmio Nobel de Economia), um dos mais notáveis institucionalistas do mundo, e cujas obras foram discutidas em várias universidades da França em 2003, ano do centenário seu de nascimento; depois, em 1937, veio René *Courtin*; em 1938, Pierre *Fromont* e, em 1939, Paul *Hugon* – que permaneceu até 1970 como professor de *Economia Política* e *História das Doutrinas Econômicas* na FFCL e na FEA (durante um decênio em regime de acumulação de cargos nas duas faculdades).

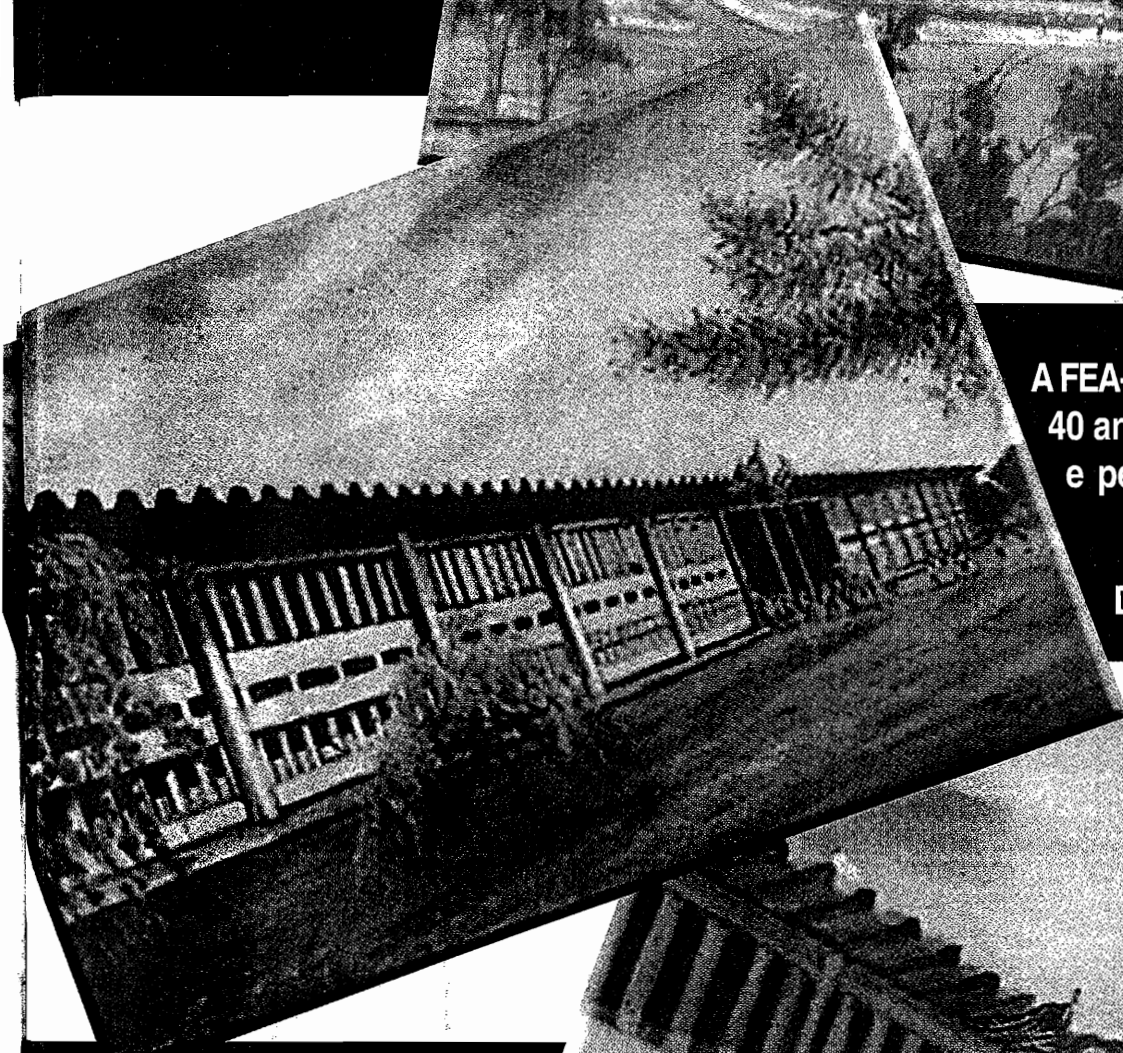
Além dos quatro professores de Economia Política citados, a Missão Francesa contou com alguns professores visitantes como Gilles Gaston Granger, autor de Méthodologie de la Science Économique e Claude Levy Strauss, que se tornaria, mais tarde, famoso na área de antropologia[1].

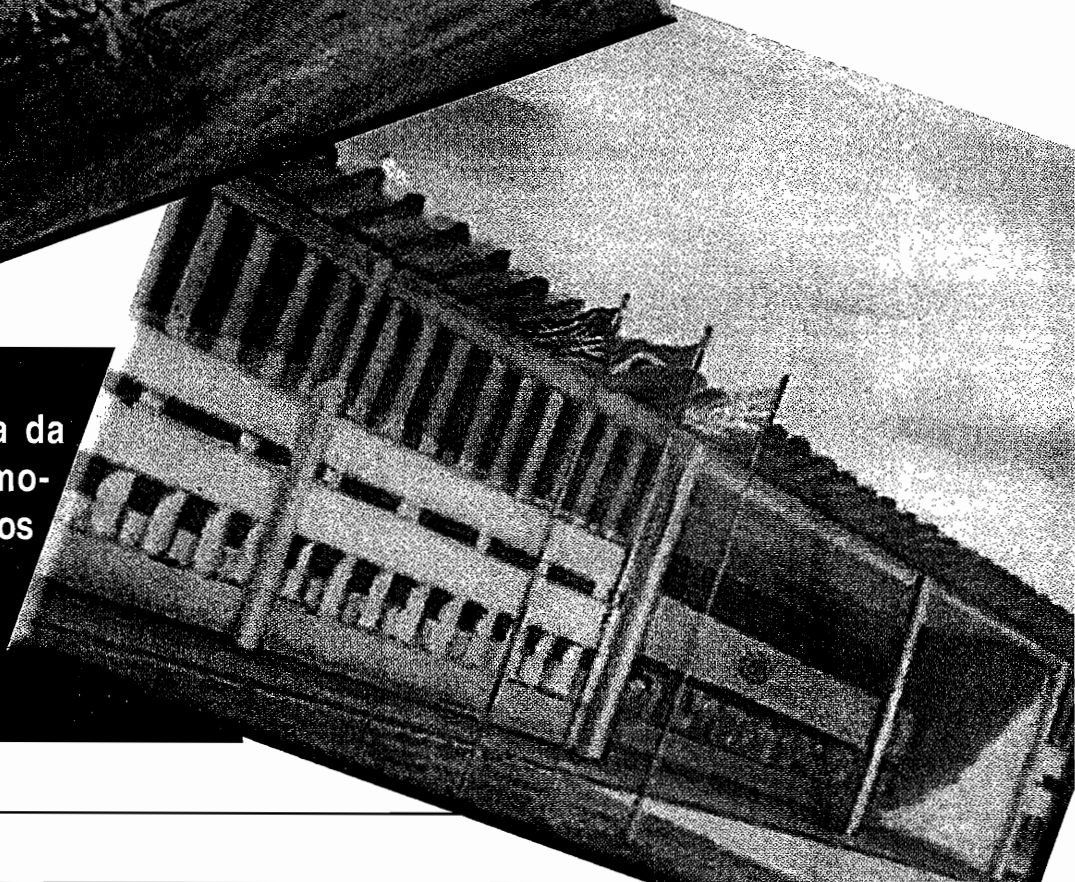
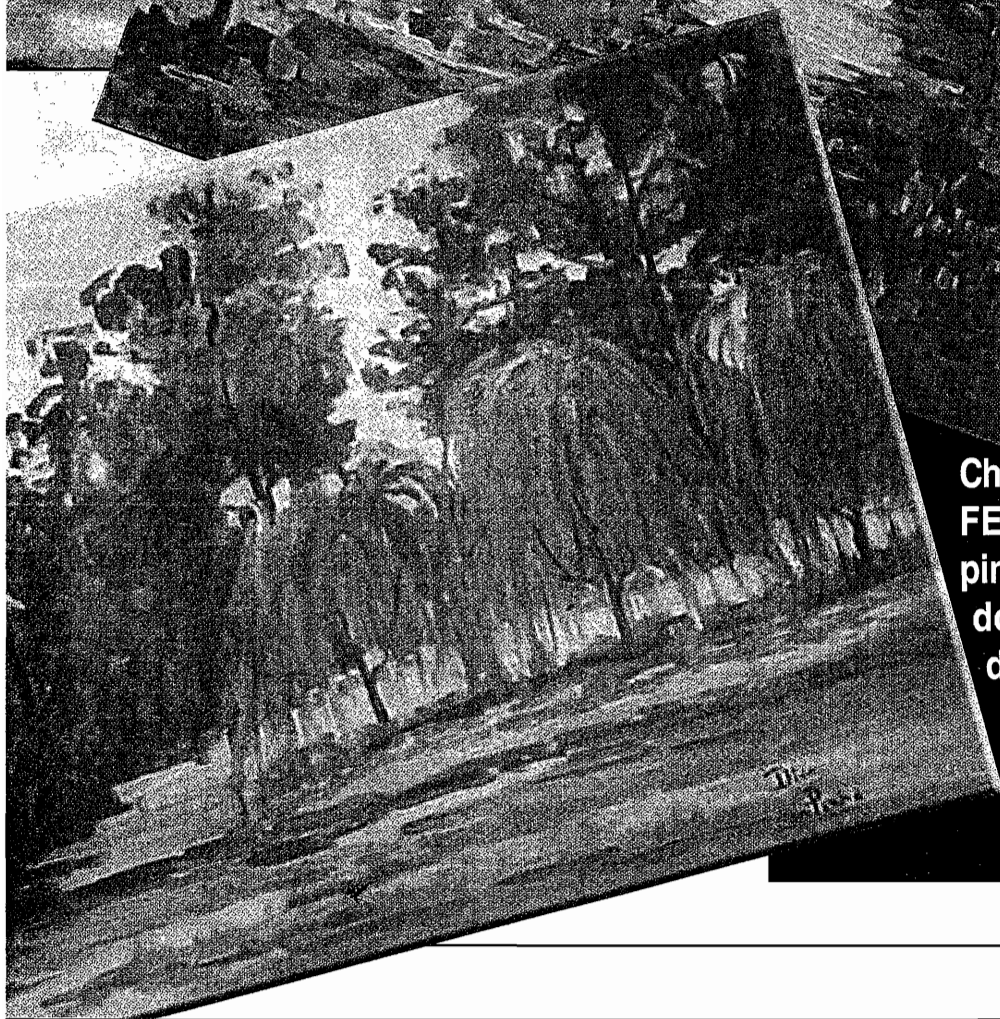
> *Os alunos de Ciências Sociais estudavam Reboud (Précis d'Economie Politique) e Paul Hugon, História das Doutrinas Econômicas (em sua versão original, publicado pela Caixa Econômica Estadual, mais tarde ampliado, e até hoje com sucessivas edições da Atlas). Somente em 1950 é que passaram, também, a usar o livro de Samuelson – então o manual básico mais famoso dos cursos universitários de ciências econômicas no mundo ocidental (em 1988, atualizado em parceria com William D. Nordhaus).*

[1]*Levi-Strauss: Saudades do Brasil* – documentário da antropóloga Maria Maia exibido no Festival Internacional de Cinema Ambiental (Goiás Velho, GO). Em 2005, entrevistou Claude Levi-Strauss, então com 98 anos. Refez o trajeto do pesquisador francês que revelou ao mundo a riqueza da cultura indígena brasileira e, segundo os críticos, reconciliou os brasileiros com seu próprio país.

Primeiro Edifício da FEA-USP, na cidade universitária Armando de Salles Oliveira, na cidade de São Paulo.

Diva Pinho, óleo s/tela.

A FEA-USP em 1986 – 40 anos a serviço do ensino e pesquisa.

Diva Pinho, óleo s/tela.

Aspecto da fachada da FEA-USP na comemoração dos seus 40 anos (1986).

Diva Pinho, óleo s/tela.

FEA-2: edifício com salas de trabalho dos docentes da FEA-USP.

Diva Pinho, óleo s/tela.

FEA-1: área interna com vegetação.

Diva Pinho, óleo s/tela.

Chorões na parte externa da FEA-1 (substituídos por pinheiros na reconstrução do prédio, no final da década de 1990).

Diva Pinho, óleo s/tela.

Nas Faculdades de Direito brasileiras, no fim do século 19 e durante várias décadas do século 20, foi muito usada a tradução do Compêndio de Economia Política, de Charles Gide, bem como seu trabalho em parceria com Gide Rist – História das Doutrinas Econômicas.

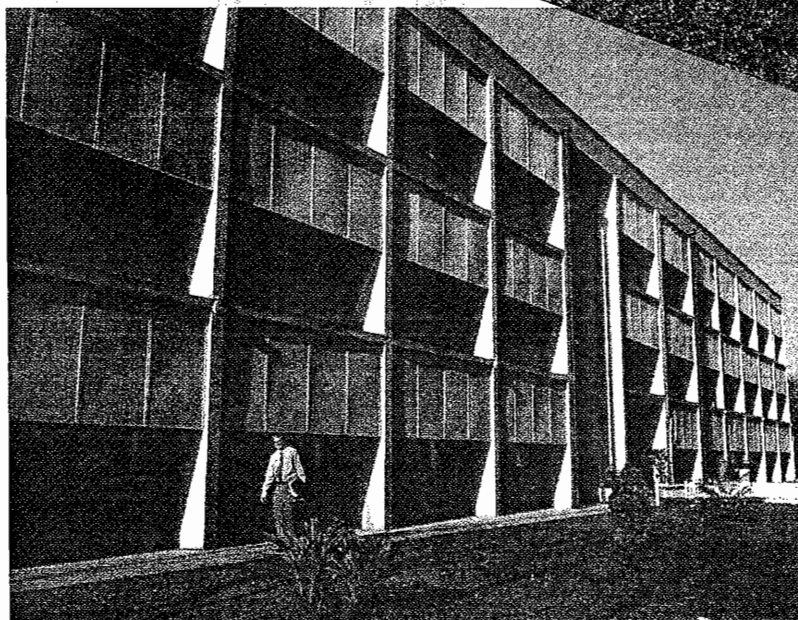
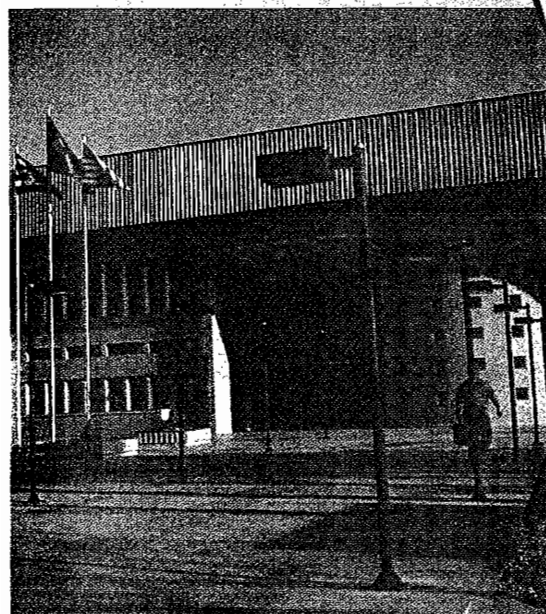
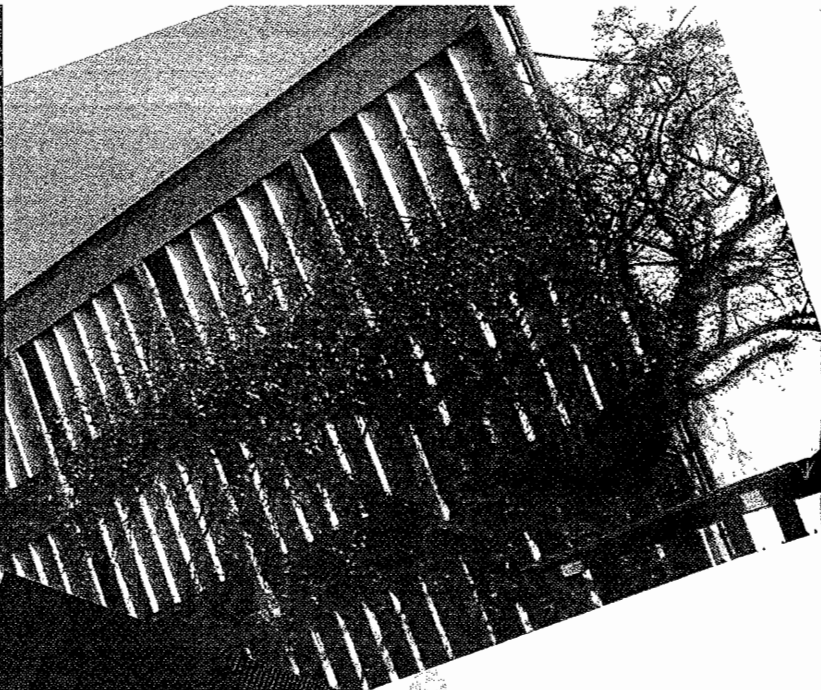
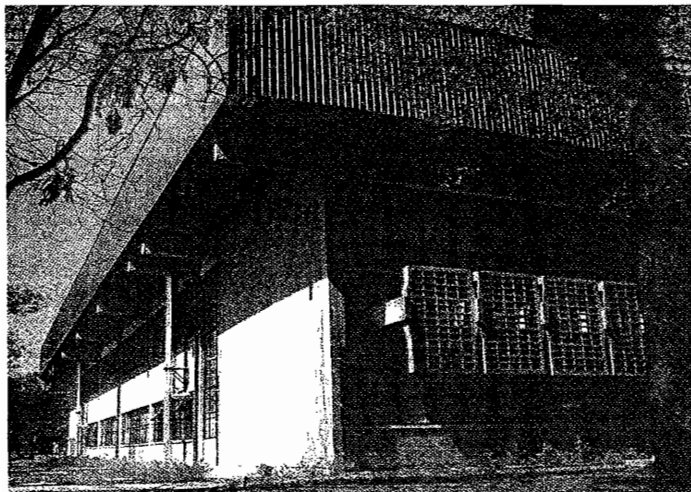
De modo geral, demoraram a ser difundidas, no mundo acadêmico do Brasil e da Europa, as inovações econométricas elaboradas nos EUA durante a Segunda Grande Guerra – resultantes do trabalho conjunto de matemáticos, estatísticos, economistas e administradores civis e militares, em instituições ligadas à pesquisa militar.

No OSS (Office of Strategic Services), a Research and Analysis Branch contava com cerca de meia centena de economistas proeminentes, entre os quais especialistas como Moses Abramowitz, Paul Baran, Charles Kindleberger, Walt W. Rostow, Paul M. Sweezy e muitos outros. No Statistical Research Group (Universidade de Columbia), também ligado à pesquisa militar (especialmente ao combate aéreo), estavam Milton Friedman, John Savage, George Stigler, Abraham Wald e outros.

No fim da guerra, surgiu outro importante centro de trabalho multidisciplinar conjunto, também reunindo economistas famosos — a RAND Corporation, Research and Development, organismo privado de pesquisa e desenvolvimento, que inicialmente teve a Força Aérea norte-americana como principal cliente.

Naquela época, os EUA empenharam-se em mobilizar, transportar, abrigar e integrar na sociedade acadêmica e norte-americana, notáveis especialistas estrangeiros de várias áreas, inclusive dissidentes e contestadores.

Como decorrência dessa formidável possibilidade de troca direta de experiências, e dos vultosos recursos à disposição de competentes pesquisadores multidisciplinares, norte-americanos e estrangeiros, os EUA tornaram-se o grande centro de reformulação matemática de todos os setores da atividade econômica. A partir daí, importantes contribuições teóricas foram desenvolvidas, tais como a teoria do comércio internacional, a análise da flutuação dos ciclos, teoria do consumidor, teoria do valor, macroeconomia keynesiana etc.

Concomitantemente, diminuíram nos EUA as tensões entre os econometristas e a Nova Economia Institucional, NEI ou NIE (sigla em inglês), neoinstitucionalismo ou institucionalismo organizacional. O júri do Prêmio Nobel de Economia, quando da premiação de Myrdal (1972), acentuou a importância da multidisciplinaridade priorizada pelos neoinstitucionalistas. Outras características do movimento neoinstitucionalista também facilitaram sua aceitação como complementar à economia quantificada, especialmente a diversificação e amplitude de seu programa, a recusa de separar a economia da realidade social e a busca de

Fachadas dos diversos edifícios da FEA em 2006.

caminhos alternativos com base nas instituições, nos valores sociais, nas tecnologias e na própria evolução da sociedade.

Além do relacionamento pelo sistema de preços (microteoria convencional), o mercado e a firma passaram a ser estudados também por outros elementos, até então considerados exógenos à análise econômica, tais como a estrutura organizacional, os mecanismos de governança das transações e o ambiente institucional.

As *instituições* representam, historicamente, a manutenção da ordem e a redução das incertezas nas sociedades. São responsáveis pelas "regras do jogo" que promovem o desenvolvimento das atividades econômicas e, ao mesmo tempo, promovem as ações políticas, legais e sociais que governam a base da produção, da troca e da distribuição.

Sabe-se que a matriz institucional de uma sociedade é formada pelo conjunto de suas instituições econômicas e políticas. E essas instituições são importantes no sistema econômico quando existem diferentes níveis de informação entre os agentes econômicos, de incerteza no mercado, e grande número de concorrentes, além de pontos críticos no desempenho econômico relacionados aos custos de transação. Ou seja, em ambiente turbulento e incerto, é preciso haver "regras" que balizem e orientem a direção a ser tomada.

Na década de 1980, a diminuição das tensões entre econometristas e neoinstitucionalistas nos EUA acabou se refletindo no Departamento de Economia da FEA e, por extensão, no currículo de seus cursos.

2.1. O currículo da economia da FEA – de 1946 à época atual

A análise da evolução da estrutura curricular nos 60 anos da FEA (1946-2006) mostra o acompanhamento das mudanças ocorridas na Ciência Econômica e na composição de seu corpo docente.

Assim, os currículos anteriores à crise FEA-1955/57 são marcados por uma concepção de Economia predominantemente especulativa e institucional. Mas a longa crise dos anos 1950 envolveu professores e alunos (estes, liderados pelo Centro Acadêmico Visconde de Cairu, reivindicavam mais matérias na área profissionalizante). O principal resultado concreto da crise foi uma ampla ebulição metodológica em busca de um instrumental analítico econométrico. E assim a Econometria respondeu às necessidades de formulação da teoria econômica em linguagem matemática, possibilitando testes com dados empíricos e recursos da estatística, voltados para o cálculo de probabilidades.

Aspectos da Biblioteca da FEA-USP; instalada em edifício próprio (atualmente em ampliação), abriga um dos maiores acervos do país nas áreas de Economia, Administração e Contabilidade/Atuária. Interligada a todas as Bibliotecas da USP e ao acervo das universidades públicas paulistas, oferece aos usuários outros importantes e diversificados suportes de informação em tempo real.

Os professores pioneiros da FEA realizaram um grande esforço de reciclagem em todas as áreas, valorizando e ampliando seus estudos econômicos. Vários deles concentraram-se em pesquisas práticas, em parceria com a Federação do Comércio, Federação da Indústria e outras entidades particulares e públicas. E assim, desde 1960, predominou a concepção de estudos teóricos voltados à ação, tanto para explicar, compreender e prever a atividade econômica, como também para agir no mundo real, principalmente da produção, das finanças, do comércio e dos serviços.

Além das disciplinas obrigatórias, indispensáveis à formação profissional do economista, administrador de empresa e contabilista, o elenco de disciplinas eletivas sempre procurou complementar a formação profissionalizante de cada área da FEA. Ao mesmo tempo, alguns professores acompanharam os estudos de valorização do neoinstitucionalismo e os avanços da Nova Economia Institucional.

Especificamente a respeito do *Curso de Graduação de Economia*, a análise da evolução de seu currículo, nos anos 1980, evidencia preocupação no sentido de complementar pragmatismo e humanismo, econometrismo e neoinstitucionalismo, e de reintegrar algumas disciplinas de Ciências Humanas, eliminadas nos anos 1960. Daí, a inclusão da área *Humanidades*, por decisão do Conselho Departamental de Economia, por considerá-la importante suporte aos estudos e à prática das atividades econômicas.

Entretanto, a partir do final dos anos 1970, rápidas mudanças no Brasil e no mundo começaram a se refletir nas opções de escolha de profissão dos jovens estudantes e nos currículos dos Cursos de Graduação de Economia. O País passou da euforia do "milagre econômico brasileiro" (decênio 1970) à estagnação econômica, que persistiria nas décadas 1980 e subseqüentes, acompanhada de grave deterioração da qualidade de vida da população, aumento da taxa de desemprego, agravamento do desordenado crescimento (ou *inchaço*) das cidades e a exposição do empobrecimento nas "franjas" urbanas *enfaveladas*.

A preferência pelos Cursos de Graduação de Economia havia aumentado na época do "milagre econômico brasileiro", incentivada pela ascensão profissional do economista como importante planejador e assessor governamental. Vários ex-alunos da FEA ocuparam os mais altos postos executivos da Administração, sobretudo nos Governos Federal, do Estado de São Paulo e da Capital paulista.

Mas, com a estagnação econômica que se sucedeu, multiplicaram-se as dificuldades econômicas e sociais da população, sobretudo da classe média, a principal demandante do ensino universitário. Conseqüentemente, caiu a procura pelos cursos superiores de Economia.

Outros fatores contribuíram para essa queda: o fracasso dos sucessivos choques econômicos ortodoxos e heterodoxos e as desastradas tentativas de

estabilização da economia via choques e pacotes-surpresa, *justificados* pela necessidade de rígido controle de preços e de salários ou, até mesmo, de estranho *confisco* de depósitos em conta corrente.... Nem o sucesso temporário do Plano Real, implantado em 1994, restabeleceu a confiança dos jovens estudantes na profissão de economista.

Dois conjuntos de fatos agravaram a descrença dos jovens brasileiros no futuro dos estudos de Economia: de um lado, o receituário do Consenso de Washington, via Banco Mundial e FMI, recomendando a redução do Estado, diminuição dos serviços públicos, privatizações, desregulamentações e outras (consideradas pelo prêmio Nobel de Economia, Stiglitz, criadoras de uma "paz de cemitério"...); e, de outro lado, reestruturações produtivas internas, consideradas necessárias à integração do Brasil na economia assimetricamente globalizada, afetaram profundamente o mercado de trabalho e o perfil do profissional demandado.

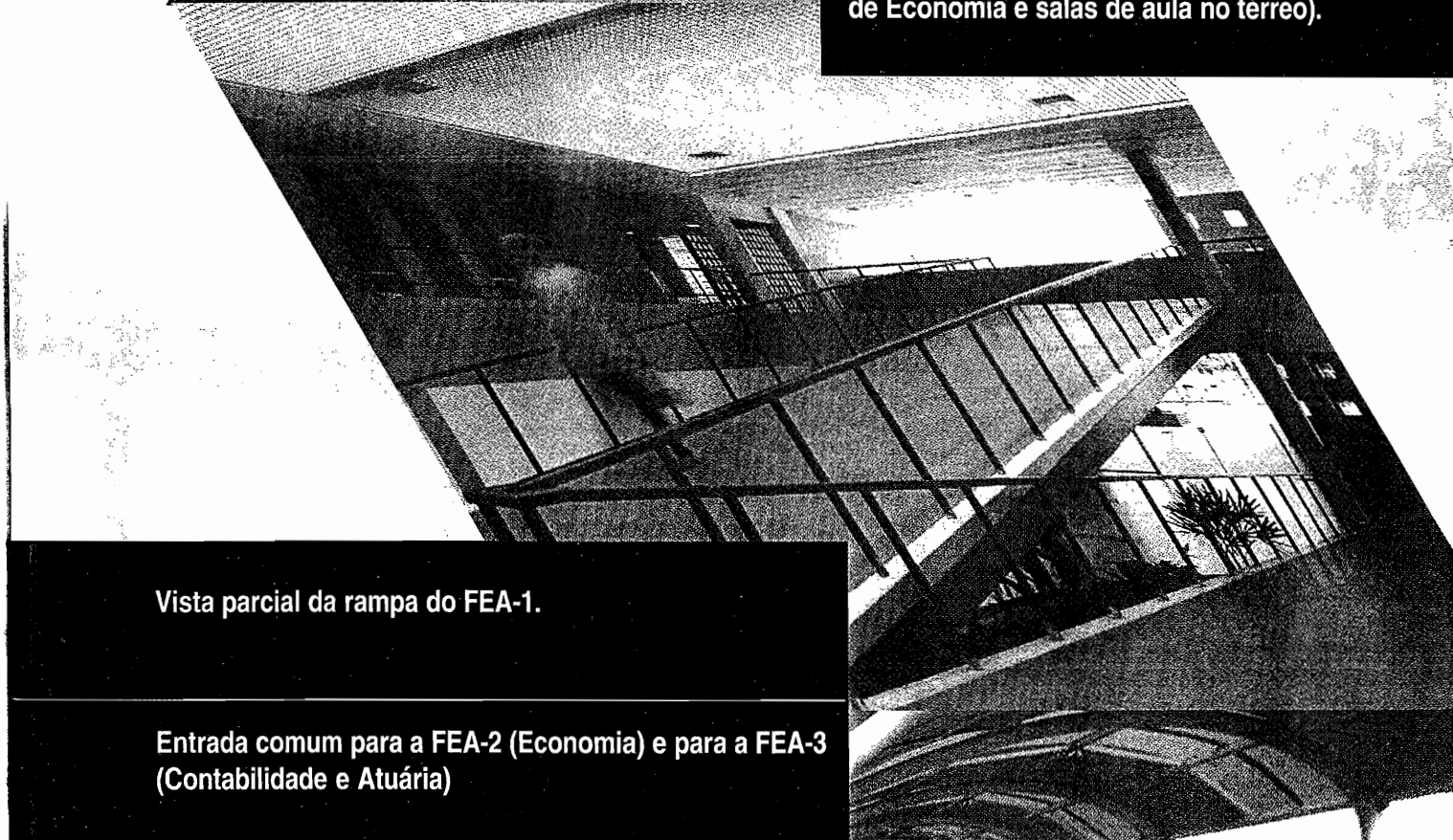
> *Debates recentes em órgãos de representação profissional do economista, tanto nos Estados como na Federação, procuram mostrar que a redução da demanda dos jovens pelos cursos superiores de Economia, talvez esteja ligada "à própria crise das ciências econômicas, entendida como sua incapacidade de explicar a realidade econômica e permitir a intervenção sobre ela" (Jornal do Cofecon, 2005).*

Critica-se, com base em Celso Furtado, que a academia e os formuladores da política econômica não teriam conseguido estabelecer mediações entre as leis gerais da teoria econômica e as mudanças de realidades específicas.

E, atualmente, também está sendo difícil o resgate do *pluralismo* acadêmico, o estimulo à *interdisciplinaridade* e a internacionalização do ensino público (enquanto algumas universidades particulares já criaram um "segundo" diploma internacional).

> *Outra constatação do Cofecon (idem, ibidem): cursos concorrentes, como administração, contabilidade, advocacia, engenharia, arquitetura e urbanismo, estão incorporando, em seus currículos, as disciplinas de Teoria Econômica e Economia Aplicada. O mercado de trabalho está, ainda, estimulando a oferta de cursos de especialização em Teoria Econômica e Análise Econômica (com instrumental quantitativo).*

O esforço para atender às demandas do mercado de trabalho tem levado o Conselho do Departamento de Economia da FEA-USP a incluir, periodicamente, novas disciplinas eletivas das áreas de Economia da Regulação, Economia Institucional, Economia das Empresas, Finanças das Empresas, Governança Corporativa, Economia Regional, Meio Ambiente, Políticas Públicas, entre outras.

Passarela de comunicação do depto. de Economia (2º andar FEA-1) com o 1º andar da FEA-2 (salas de trabalho dos docentes de Economia e salas de aula no térreo).

Vista parcial da rampa do FEA-1.

Entrada comum para a FEA-2 (Economia) e para a FEA-3 (Contabilidade e Atuária)

Nos seus primeiros vinte anos de funcionamento, a então FCEA ocupava apenas um prédio na Rua Dr. Vila Nova (Vila Buarque). Sua estrutura consistia em um departamento com função administrativa (Departamento de Publicações) e sete departamentos com função docente – Dep. de Economia, Dep. de Administração, Dep. de Contabilidade e Atuária, Dep. de Matemática, Dep. de Estatística, Dep. de Direito e Dep. de Ciências Culturais.

Ou seja, legalmente, a FCEA estava embasada em Departamentos resultantes da reunião de cadeiras congêneres. Mas na prática, para melhor atender às necessidades do ensino e da pesquisa, a Faculdade funcionava com base em Cadeiras.

Com a Reforma da Universidade de São Paulo (dezembro de 1969), foram eliminadas as Cadeiras e o Departamento tornou-se a menor fração da USP. Então, a FEA passou a funcionar com três Departamentos – Economia, Administração e Contabilidade.

Dos quatro departamentos extintos, dois foram integralmente transferidos (disciplinas e professores) para outras Unidades da USP – o *Dep. Matemática* para o IME e o *Dep. de Direito* para a Faculdade Direito. Quanto aos outros dois Departamentos, a redistribuição foi parcial: do *Dep. de Ciências Culturais,* apenas a antiga cadeira de Geografia Econômica Geral e do Brasil passou para a FFCL, permanecendo integradas no Departamento de Economia as disciplinas de História Econômica Geral e Formação Econômica e Social do Brasil; *do Dep. de Estatística*, todas as ex-cadeiras de Estatística I, II e III foram integradas no Departamento de Economia (PINHO, 1981).

Assim, as disciplinas que na FCEA estavam distribuídas em 27 cadeiras e agrupadas em 7 unidades departamentais, na FEA pós Reforma-USP/1969 foram redivididas pelos três Departamentos: Economia, Administração e Contabilidade e Atuária.

Em 1976, a FEA adotou nova estrutura curricular dividida em dois grandes grupos: disciplinas obrigatórias e disciplinas eletivas. E, ao longo dos anos, como resposta à evolução das necessidades docentes e de pesquisa, bem como da sociedade paulista e brasileira, outras disciplinas foram sendo criadas nos três Departamentos, tanto nos cursos de Graduação como de Pós-Graduação.

Bandeiras do Brasil (ao centro), do Estado de São Paulo (à esquerda) e da FEA (com o deus Mercúrio e três estrelas representando os três Departamentos). Projeto de Carlos Pinho; realização de Sérgio de Luccas.

A partir da década 1970, o crescimento e o dinamismo das atividades dos Departamentos de Administração e de Contabilidade e Atuária refletem a intensificação da demanda dos alunos e também, como já tivemos oportunidade de salientar, o grande crescimento industrial, financeiro e bancário da Capital paulista e do Estado de São Paulo.

Além do crescimento industrial e bancário, houve também importantes mudanças na área empresarial cuja estrutura foi ficando cada vez mais complexa. Concomitantemente, multiplicaram-se empresas de capital aberto, obrigadas a prestar contas a acionistas. Nas empresas familiares, os sucessores dos fundadores sentiram necessidade de controlar sua situação econômica e financeira por meio da contratação de administradores competentes e de "controllers". Difundiu-se a auditoria externa, até então quase exclusiva de empresas multinacionais. E a criação de "holdings" reforçou a necessidade de administradores e de contadores. (1981, AMARAL, MARTINS e KANITZ).

A FEA-USP, no século 21, acompanha a tendência predominante nas principais universidades do mundo: multidisciplinaridade, interação e complementaridade entre cursos e faculdades de diversas áreas do conhecimento. E assim, a pesquisa e o estudo da teoria econômica ultrapassam os limites da estrutura curricular dos tradicionais cursos formais de graduação e de pós-graduação das Faculdades de Economia, que vinham funcionando desde a década 1960.

É cada vez mais evidente, na FEA-USP, a dissipação das fronteiras entre seus três Departamentos – Economia, Administração e Contabilidade/Atuária. Fronteiras, aliás, que no início da FEA eram tênues – havia dois anos básicos de estudos para todos os alunos, acentuando-se a diversificação de áreas no terceiro e quarto anos. Mais tarde, porém, a estrutura departamental e a nítida separação dos cursos em Economia, Administração e Contabilidade/Atuária, sobretudo a partir dos anos 1970, foi marcada por intenso corporativismo, reflexo das regulamentações, dos Conselhos e das Ordens específicas a cada uma dessas áreas.

Atualmente, o ensino de Economia nas Ciências Contábeis e a área da Economia das Organizações na Administração são vertentes indicadoras da relevância da teoria econômica para outras disciplinas que não a Economia. A pesquisa e o ensino da Economia e, particularmente da Nova Economia Institucional, NEI, ganham dimensão cada vez mais importante no curso de Administração da FEA-USP. Por iniciativa de alguns professores, destacam-se os estudos da NEI, sobretudo em trabalhos com a International Society for the New Institutional Economics.

E mais: os debates sobre Law&Economics, desenvolvidos no Departamento de Administração da FEA-USP, aproximam economia, administração e direito e, ao mesmo tempo, contribuem para o programa FEA de Análise Econômica do Direito.

Vejamos agora, em linhas gerais, um tema ainda inédito nos trabalhos sobre a Memória da FEA – a participação feminina.

Entardecer na Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira (Butantã), Capital paulista – Vista do monumento em homenagem a Ramos de Azevedo.

Parte II.

A presença feminina na FEA-USP 1946-2006

Neste tema, até agora inédito nos trabalhos sobre a Memória da FEA-USP, partimos do pressuposto que um ambiente de *meritocracia* favorece a prática dos valores de igualdade e de indiscriminação profissional entre mulheres e homens.

Entretanto, apesar da administração com base no mérito do corpo docente, avaliado individualmente por vários concursos de títulos e provas, sabe-se que as práticas de gestão, ainda que em ambiente de meritocracia, refletem alguns valores da cultura masculina, responsável pelo legado que, durante séculos, reservou às mulheres papel secundário, e ainda agora dificulta sua ascensão a funções hierárquicas de maior importância.

Esses valores, aliás, explicam a metáfora do "teto de vidro", quase invisível... Teto que na USP parece estar desaparecendo atualmente, acompanhando uma tendência que se esboça no País, como se verifica em dois exemplos recentíssimos: a ministra Ellen Gracie Northfleet eleita para a presidência do Supremo Tribunal Federal (ou seja, para a direção de um dos Três Poderes da República brasileira, tornando-se a quarta autoridade na linha sucessória da Presidência da República, fato inédito em 506 anos de nossa história), e a ascensão da coronel Fátima Ramos Dutra à chefia da Casa Militar de São Paulo.

Na USP, em cerca de 70 anos de sua história, o Conselho Universitário elegeu a primeira reitora – Profa. Dra. Suely Vilela – no final de 2005. E a FEA, em 60 anos, só teve duas diretoras – a primeira, Profa. Dra. Alice Piffer Canabrava, de 1954/57, indicada pelo Conselho Universitário entre uns poucos catedráticos, quando a FEA ainda não tinha sua própria Congregação e enfrentava uma sucessão de crises institucionais; e a segunda, Profa. Dra. Maria Tereza Leme Fleury, eleita diretamente pela Congregação, dirigiu a FEA de julho/2002 a julho/2006.

Uma análise profunda da questão do gênero na FEA-USP, entretanto, demandaria mais tempo e mais recursos, pois não há estatísticas disponíveis para se comparar, qualitativa e quantitativamente, a participação das mulheres e dos homens nas atividades acadêmicas, nem tampouco comparar a FEA-USP com outras universidades do Brasil.

Então, este estudo exploratório representa somente uma pequena contribuição a estudos posteriores sobre o gênero na FEA. Na realidade, limita-se a colocar algumas informações com base em dados que levantamos na própria FEA: (a) matrícula alunos/alunas nos 60 anos do funcionamento da FEA; (b) docentes mulheres; (c) total de funcionárias/funcionários.[2]

---

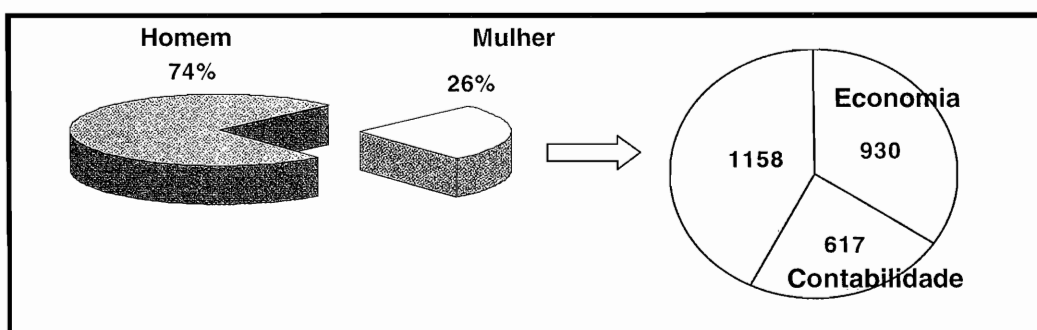
[2] O material das entrevistas com o corpo docente feminino e masculino, abordando questões do gênero na FEA-USP, ainda está em andamento e será apresentado oportunamente em outro trabalho.

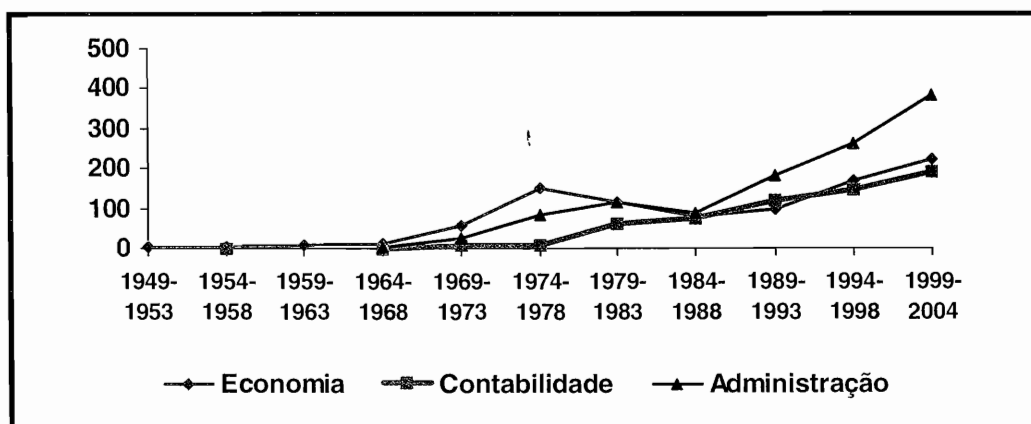
1. As alunas na FEA-USP

Nos 60 anos de funcionamento da FEA foram graduados mais de 10 mil alunos, dos quais apenas cerca de 1/3 eram mulheres. No total, a FEA formou 4.736 economistas, 3.813 administradores de empresa e 1.831 contabilistas.

Majoritariamente masculino, o curso que formou mais mulheres, até o momento presente, foi a Administração de Empresas com 43%; Economia formou 34% e Contabilidade 23%.

1.1. Graduação na FEA – por Departamento

Graduados da FEA – 1946-2006

A evolução da participação das mulheres no corpo discente da FEA, no período 1946-2006, pode ser visualizada no gráfico abaixo. A partir da década

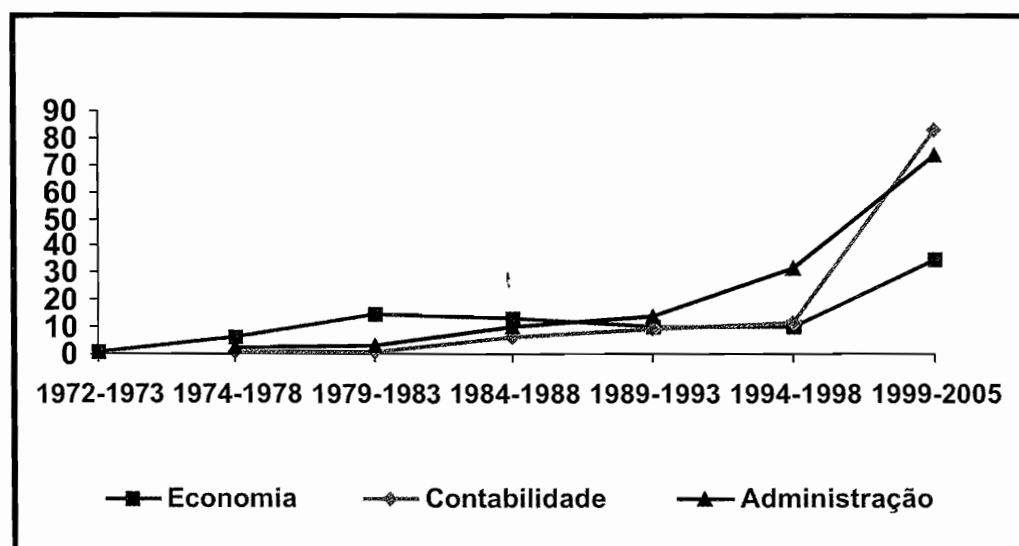
Total de graduadas da FEA (1946-2006)

de 80 o interesse das mulheres pelo curso de Administração de Empresas vem crescendo significativamente, superando inclusive o de Economia, que até então concentrava maior número de alunas.

1.2. Mestrado na FEA – por Departamento

No mestrado da FEA, a proporção de mulheres formadas ao longo de 60 anos é ligeiramente inferior à graduação, ou seja, 23% contra 26%.

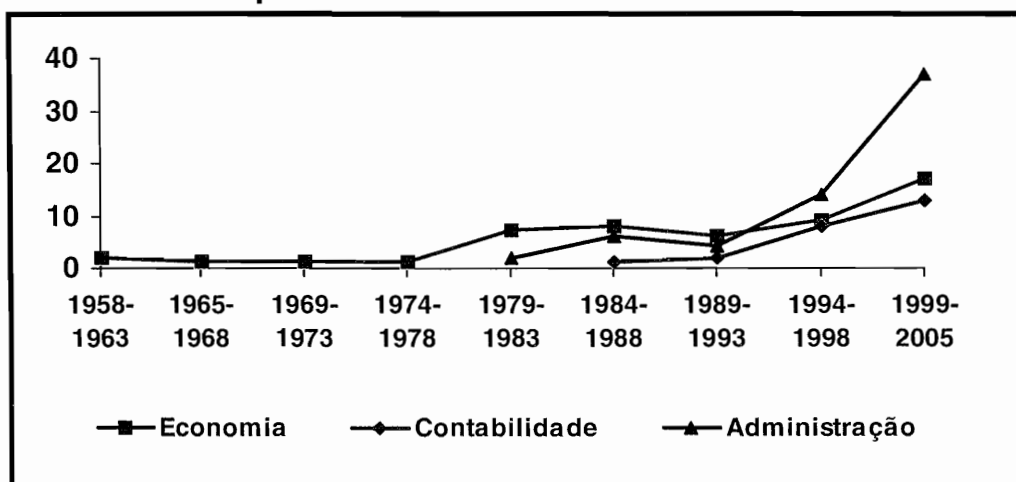
Analisando-se a evolução do número de dissertações defendidas por mulheres ao longo dos anos nos três departamentos, nota-se o seguinte movimento: as mulheres, até o início da década de 1980, apresentam, com mais freqüência, dissertações no Dep. de Economia.

Entre os anos 1980 até metade dos anos 1990, o maior número de teses concentra-se nos departamentos de Administração e de Economia. A partir daí, Administração é o Dep. que mais formou mulheres-mestres dentro da FEA.

Total de dissertações de mestrado apresentadas por mulheres nos três Departamentos nos 60 anos da FEA

Fonte: FEA

1.3. Doutorado na FEA-USP – por Departamento

O caminhar das mulheres no doutorado foi um pouco mais lento. Do total de 20% de mulheres doutoradas na instituição, verifica-se que, a partir da década de 1990, a Administração torna-se a área com maior número de teses defendidas. Em Economia e Contabilidade, também houve crescimento, porém menor do que em Administração.

Total de teses de doutorado defendidas por mulheres nos três Departamentos nos 60 anos da FEA

Fonte: FEA

Os dados levantados mostram que a população feminina está aumentando nos cursos de mestrado e doutorado, mas, proporcionalmente, a quantidade de mulheres que dá continuidade aos estudos é próxima do total de homens.

	Número de formados na FEA			
	GRADUAÇAO	MESTRADO	DOUTORADO	total
HOMENS	7.675	1.107	523	9.305
MULHERES	2.705	337	136	3.178
total	10.380	1.444	659	12.483

- Em comparação com o número de concluintes, as mulheres que finalizam o mestrado representam 12% do total das graduadas e as doutoradas representam 5%. Em outros termos, apenas 20,6 dos doutores são mulheres.
- Os homens com teses de mestrado defendidas representam 14% do total de graduados e aqueles com doutorado defendido perfazem apenas 7%.

Os dados, a seguir, apresentam a evolução da participação feminina nos três departamentos da FEA: (a) Economia, (b) Administração e (c) Contabilidade.

(a) Departamento de Economia

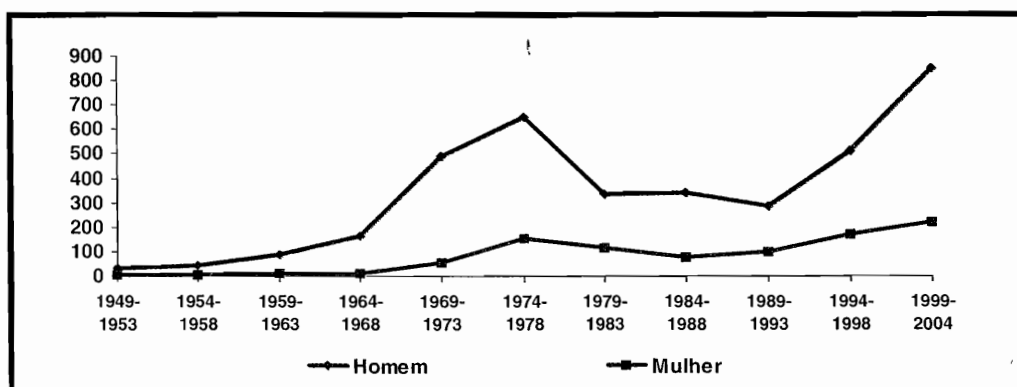
■ Graduação em Economia

As primeiras mulheres a conquistar o título de Economista foram Lucy Doris Lefeire e Lydia Rezemini em 1950, pela segunda turma de formandos.

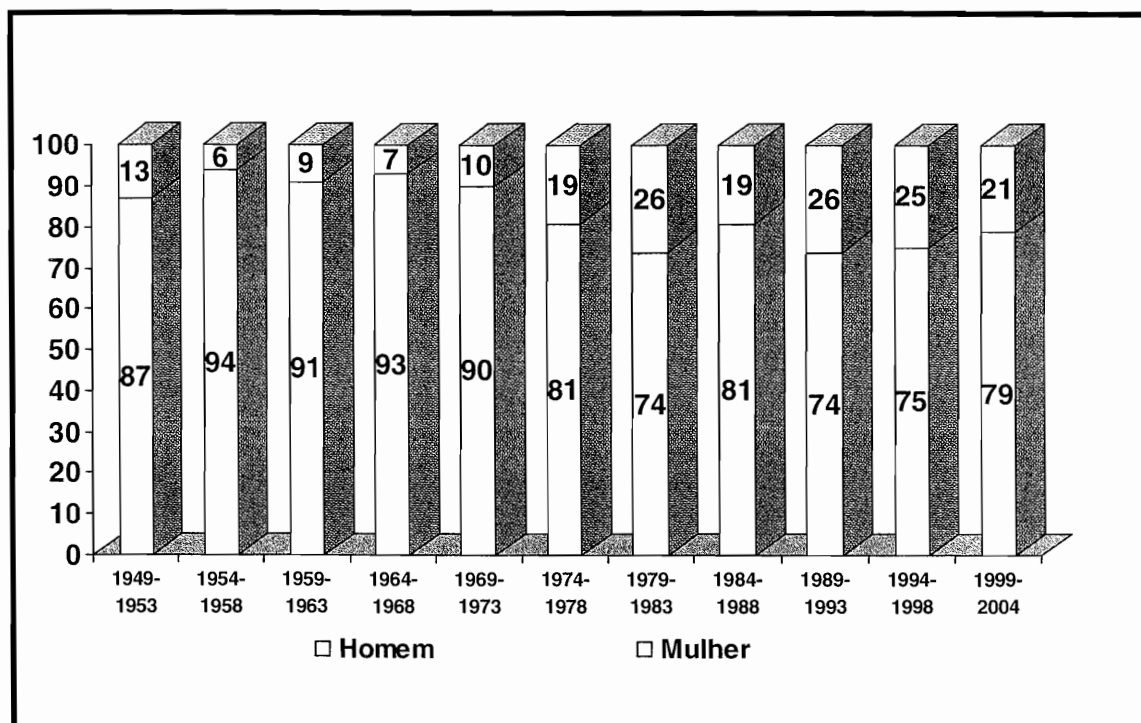
Até 2004 o Dep. de Economia formou um total de 4.736 alunos, dos quais 930 são mulheres (20%).

Nos primeiros 25 anos de existência, a participação das mulheres girou em torno de 10%. A partir da década de 1970, porém, essa participação atingiu o patamar em que se encontra hoje, em torno de 20%.

Os períodos de crescimento significativo são os primeiros anos das décadas de 1980 e de 1990, quando a participação feminina atinge 26%.

Total de Graduados – Economia

Fonte: FEA

Participação de Homens e Mulheres no Total de Formados – Economia

(Dados em %)

Fonte: FEA

■ Titulares, Associadas, Doutoras e Mestres em Economia

Em decorrência da Reforma da USP em 1969, que extinguiu a cátedra, consolidou-se o Departamento como a menor Unidade da USP (a *departamentalização* já vinha sendo tentada em várias Unidades da USP) e estruturaram-se os Cursos de Pós-Graduação; são registradas as primeiras dissertações de mestrado de ex-alunas do Departamento de Economia. Então, de 1973 a 2005, do total de 410 dissertações apresentadas, 90 (22%) são de mulheres.

O primeiro doutorado em Economia é conquistado em 1958 por Lenita Corrêa Camargo, ainda no regime de tese orientada por um professor catedrático. Um pouco mais tarde, porém ainda no regime anterior à Reforma da USP/1969,

Maria José Villaça defende tese de doutoramento e, em seguida, presta concurso de livre-docência em Economia.

Com a redistribuição dos professores da USP, determinada pela Reforma de 1969, Diva Benevides Pinho chega do Departamento de Economia do Curso de Ciências Sociais da FFCL-USP (implantado pela Missão Francesa dentro do Programa-USP de contratar as Missões francesa, alemã, italiana e portuguesa para implantação de cursos em várias áreas do conhecimento), com os títulos de livre-docente em Economia (1964) e doutora (1962).

Em 1973, Diva Benevides Pinho e Maria José Villaça submetem-se a concurso de profa. Adjunta do Dep. Economia. Também em 1973, Renata Miceli Zoudine é a *primeira ex-aluna da FEA* a conquistar o título de doutora.

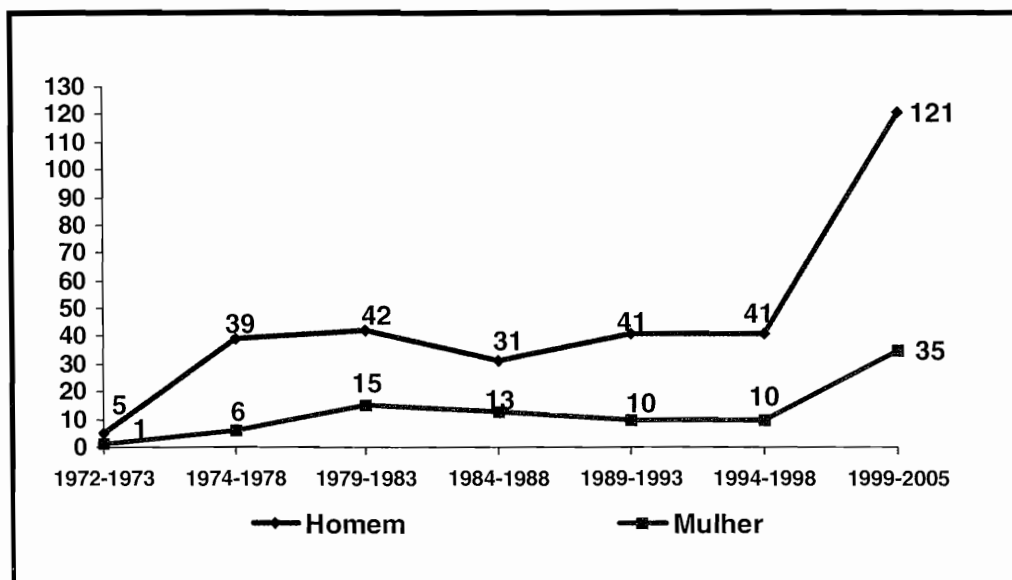
Em 1977, Diva Benevides Pinho presta concurso para professora Titular do Departamento de Economia, tornando-se a segunda mulher a ocupar essa posição máxima da carreira docente da USP – a primeira foi a professora catedrática Alice Piffer Canabrava (concurso prestado na área de História na então FFCL-USP, anteriormente à Reforma Universitária).

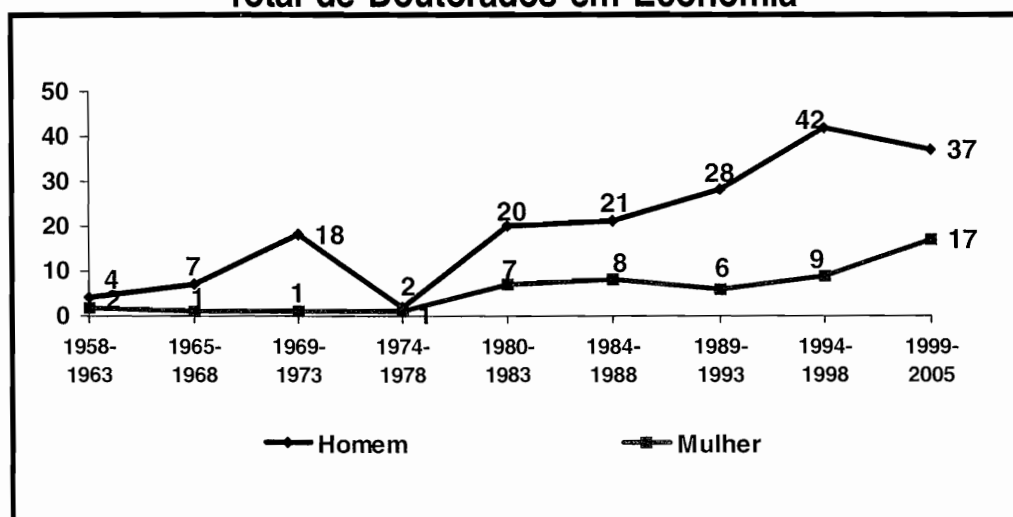
A USP simplifica a carreira docente eliminando o degrau de Prof. Adjunto e atribuindo o título de Prof. Associado ao candidato aprovado em concurso de títulos e provas para Livre-Docência. No ápice da pirâmide da carreira acadêmica, entretanto, continua o concurso de títulos e provas para Prof. Titular.

Em 2006, dos Departamentos da FEA-USP, é o Dep. de Economia que apresenta maior número de professoras Titulares concursadas: Em atividade, no regime de RDIDP, estão: Ana Maria Afonso Ferreira Bianchi; Elisabeth Maria Mercier Querido Farina; Fabiana Fontes Rocha; Marilda Antonia de Oliveira Sotomayor; Maria Cristina Cacciamali e Maria Rita Garcia Loureiro Durand.

Em 2006, no degrau acadêmico de professora Associada (livre docente), estão Denise Cavalini Cyrillo, Leda Maria Paulani e Vera Lúcia Fava. São doutoras – Basília Maria Baptista Aguirre; Maria Lúcia Rangel Filardo e Silvia Maria Schor.

Do total de 231 teses defendidas até 2005, 51 (22%) são de mulheres. Entre 1999 e 2005, registra-se um crescimento significativo das teses de mestrado e doutorado defendidas por mulheres, porém ainda menor em comparação com os homens.

Total de Mestrados – Economia

Fonte: FEA

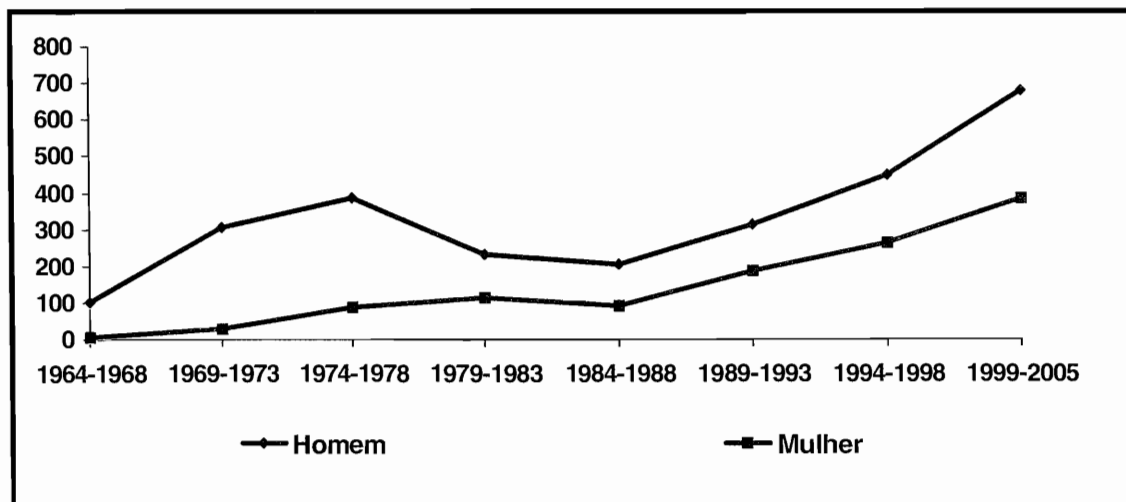
Total de Doutorados em Economia

Fonte: FEA

(b) Departamento de Administração

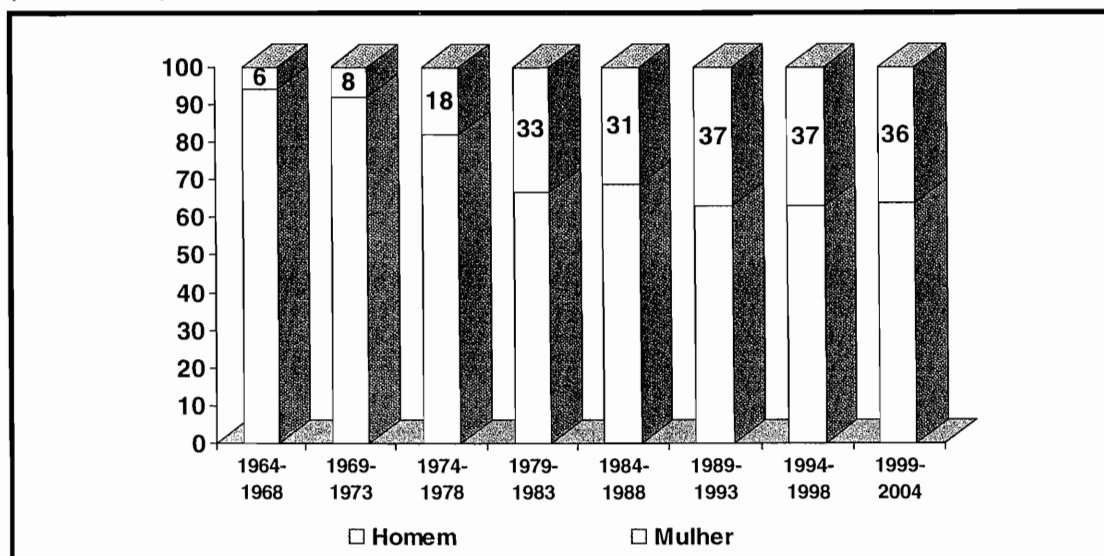
■ Graduação

Os primeiros alunos de Administração começam a se formar em 1964, porque o Departamento foi criado somente em 1960, com a reestruturação da então FCEA (Decreto nº. 36.361, de 8 de março) – cf. PINHO, 2002, p. 24. Susan Leonhardt Ribeiro foi a primeira mulher a graduar-se em Administração de Empresas.

De 1964 a 2005, as estatísticas registram um total de 3.813 formados, dos quais 1.158 (30%) são mulheres. A partir da década de 1980, época de expressivo crescimento da participação de mulheres no curso, de cada 10 alunos formados 3 são mulheres. Entre 1999 e 2005, são formados 678 homens e 385 mulheres, o que representa 36%.

Total de Formados – Administração de Empresas

Fonte: FEA

Evolução dos Formados – Administração de Empresas

(Dados em %)

Fonte: FEA

■ Mestre, Doutora, Livre-Docente e Titular do Dep. de Administração

O Departamento de Administração da FEA/USP/SP conta, em 2006, com 75 docentes (dos quais 8 mulheres), distribuídos em sete áreas: Administração Geral, Finanças, Métodos Quantitativos e Informática, *Marketing*, Recursos Humanos, Produção e Operações, Política de Negócios e Economia de Empresas.

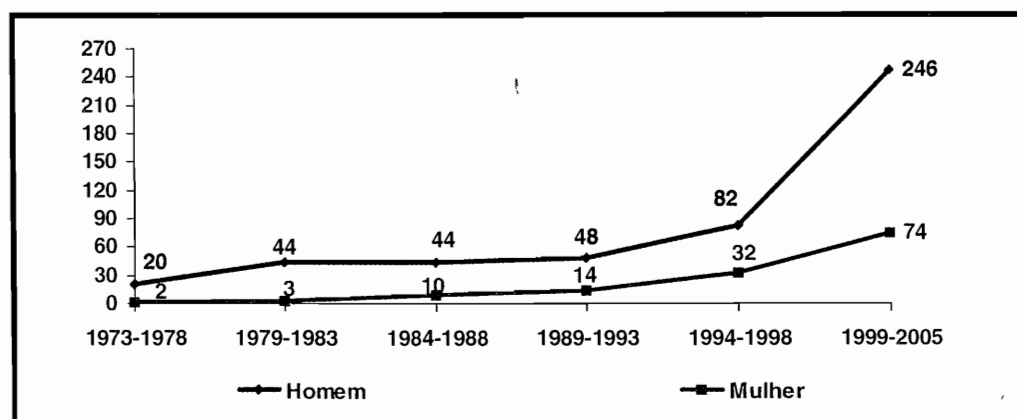
A primeira tese de mestrado defendida por uma mulher formada em Administração pela própria FEA é de Eunice Lacava Kwasnicka, em 1975.

Historicamente, é Lenita Correa Camargo (formada em Ciências Sociais pela FFCL-USP) a primeira mulher concursada na FEA para profa. catedrática do Dep. Administração.

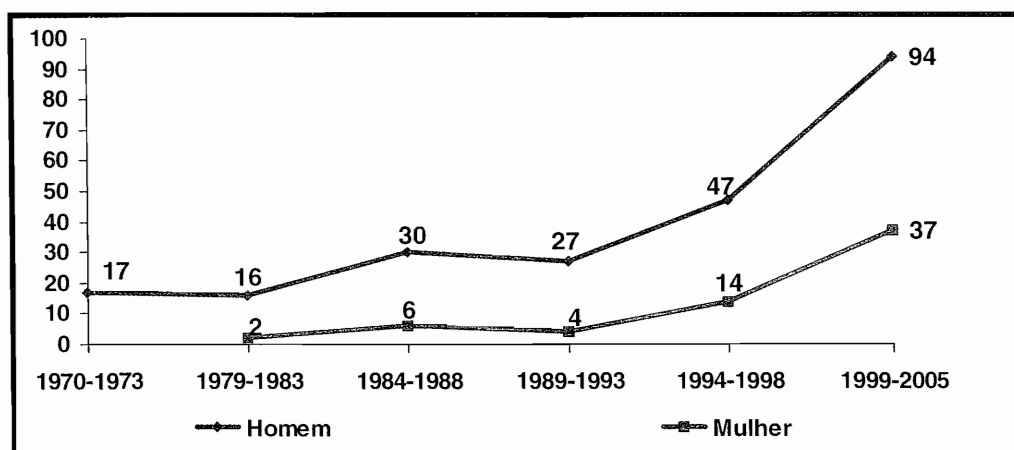
Em 2006, com o título máximo da carreira acadêmica na USP, há duas professoras Titulares concursadas no Departamento de Administração, de um total de 15 homens como docentes Titulares. São elas: *Maria Thereza Leme Fleury* (também a segunda diretora mulher da FEA em 60 anos e a primeira eleita democraticamente pela Congregação da FEA para o quatriênio 2002-06, como já foi dito) e *Rosa Maria Fisher*, ambas formadas pela FFCL-USP.

No segundo semestre de 2006, exercem atividade docente no Departamento de Administração (em ordem alfabética): Ana Akemi Ikeda, Ana Cristina Limongi, Bernardete Lourdes Marinho, Maria Aparecida Gouvea, Maria Thereza Leme Fleury, Marisa Pereira Eboli, Rosa Maria Fisher e Tânia Casado.

De 1973 até 2005, são defendidas 619 teses no Dep. de Administração, das quais 135 (22%) por mulheres.

Total dos Mestrados – Administração de Empresas

Fonte: FEA

No doutorado do Departamento de Administração, a participação feminina vem crescendo principalmente a partir da década de 90. Do total de 294 trabalhos apresentados, 21% são de mulheres.

Total dos Doutorados – Administração de Empresas

Fonte: FEA

(c) Departamento de Contabilidade e Atuária

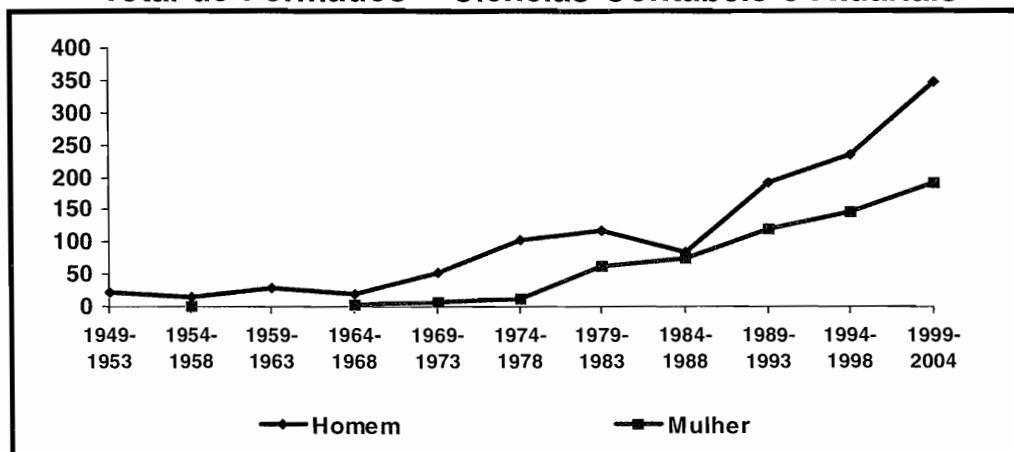
■ Graduação em Contabilidade e Atuária

O curso de Ciências Contábeis e Atuariais é oferecido juntamente com o de Ciências Econômicas desde 1946 e ambos começam a formar alunos em 1949.

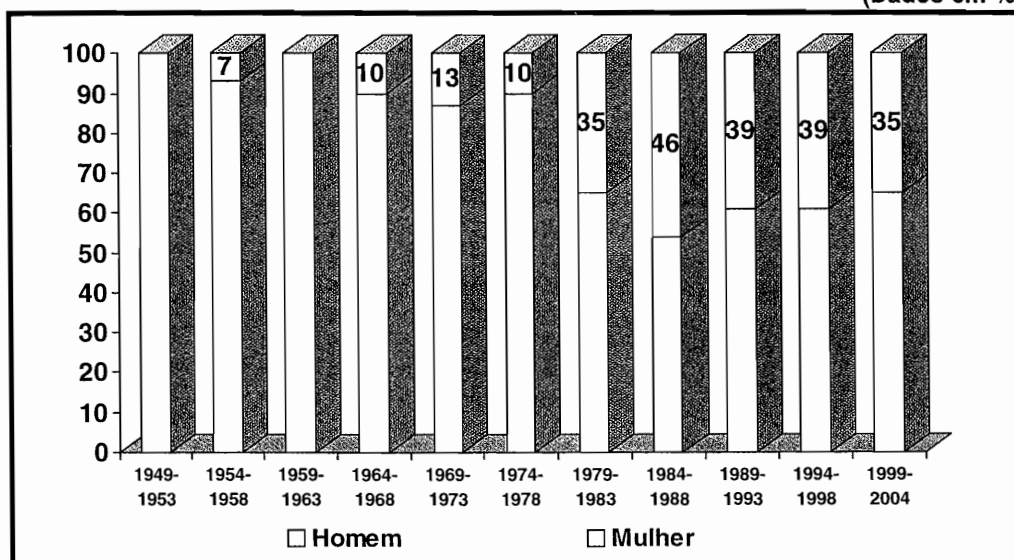
A primeira mulher a se formar em Ciências Contábeis é Olga Maria Pereira Pinto em 1958, quase uma década depois dos primeiros formados, indicando assim que o curso não atraiu de imediato as jovens da época. Apenas em 1967 outras duas mulheres conquistaram o título de contabilistas.

O grande *boom* do interesse feminino pelas áreas contábeis acontece entre 1984-1988 quando a presença feminina atinge o patamar de 46% do total de alunos formados no período.

Considerando o total de 1.831 alunos formados pela escola até 2004, 617 são mulheres (34%).

Total de Formados – Ciências Contábeis e Atuariais

Fonte: FEA

Evolução dos formados – Ciências Contábeis e Atuariais

(Dados em %)

Fonte: FEA

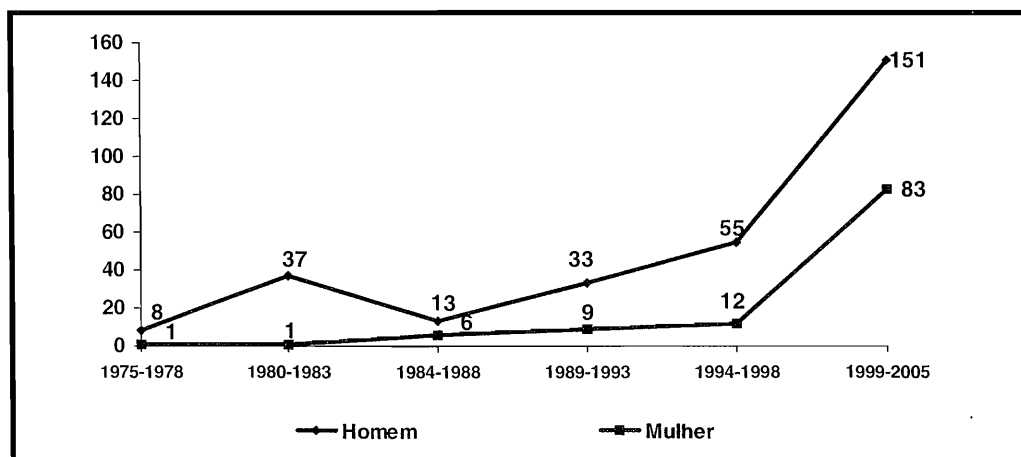
■ Mestrado e Doutorado em Ciências Contábeis e Atuariais

As dissertações de mestrado na área da Contabilidade são apresentadas a partir de 1975. A participação da mulher, embora tímida nos primeiros anos, vai se consolidando e entre 1999-2005 soma 191, representando 37%.

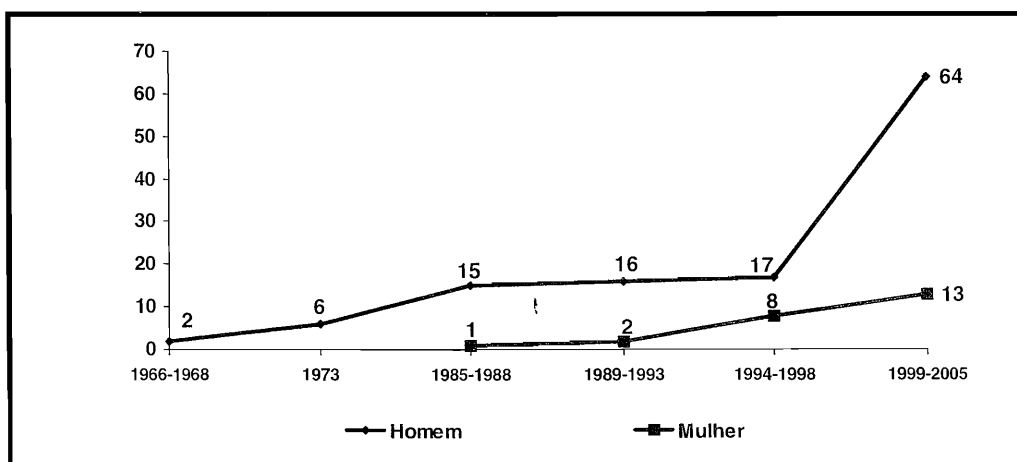
No doutorado, as mulheres vêm caminhando mais lentamente. Os primeiros trabalhos surgem em 1985 e do total de 143 doutorados, 22 (15%) são apresentados por mulheres.

A primeira mulher a apresentar dissertação de mestrado e de doutorado é Cecília Akemi Kobata Chinen em 1976 e 1987.

Até o segundo semestre de 2006, havia no Departamento de Contabilidade/ Atuária (EAC) cinco doutoras (em ordem alfabética): Joanília Neide de Sales Cia, Marina M. Yamamoto, Nena Gerusa Cei, Silvia Pereira de Castro Casa Nova e Tânia Regina Sordi Relvas.

Total de Mestrados – Ciências Contábeis e Atuariais

Fonte: FEA

A participação feminina no mestrado de Contabilidade e Atuária intensificou-se no final da década 1990, mas, como já foi observado, ainda é pequena comparativamente à masculina.

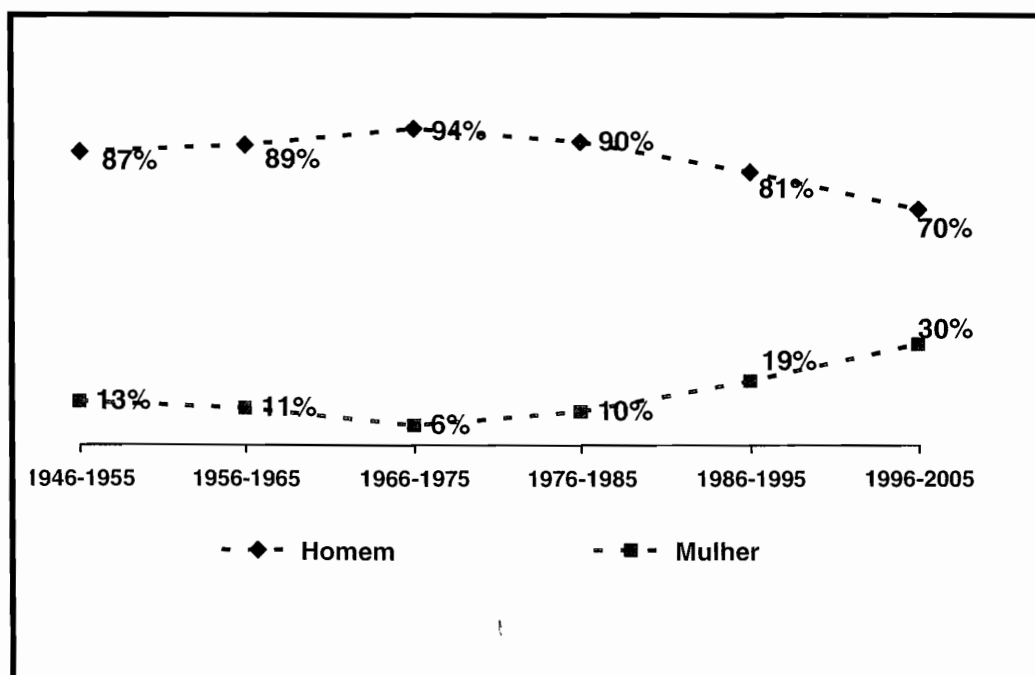
Total de Doutorados – Ciências Contábeis e Atuariais

Fonte: FEA

As mulheres, como já se observou anteriormente, marcam presença mais significativa apenas a partir de 1985 e, assim mesmo, com intensidade ainda relativamente pequena quando comparada à participação masculina.

2. As professoras na FEA-USP – por Departamento

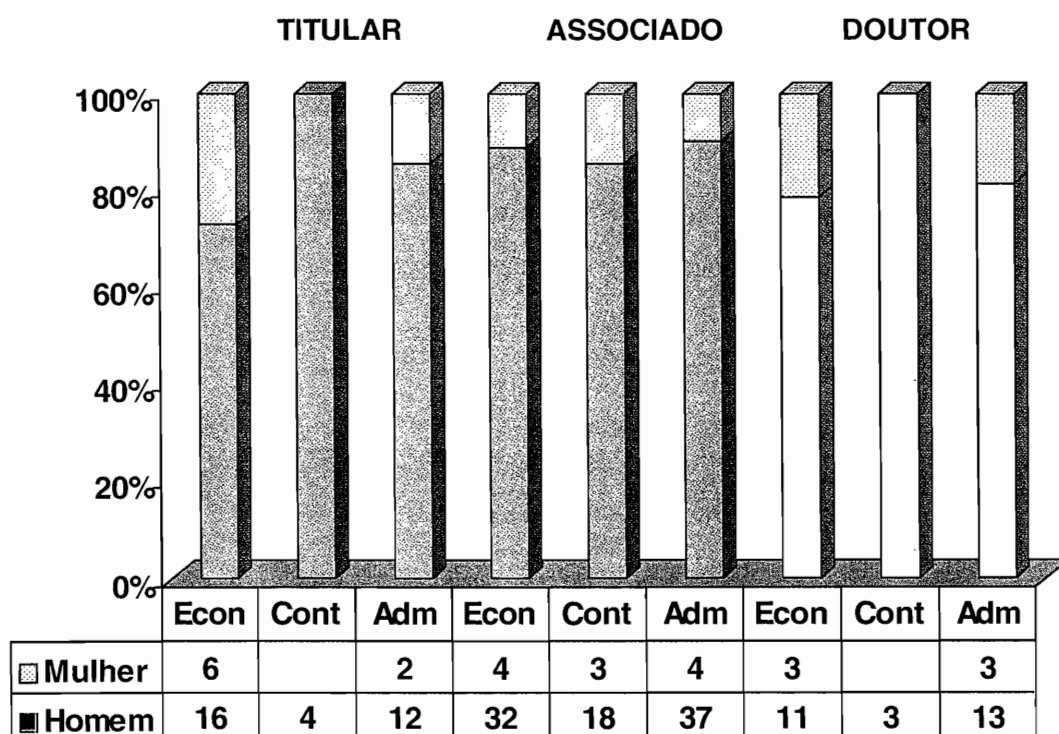
O corpo docente é formado majoritariamente por homens. Em 2005, havia 178 professores e 25 professoras, de modo que a participação feminina é de 12%.

Na história da FEA, o percentual de mulheres no conjunto do corpo docente realmente nunca foi expressivo, porém essa situação está aos poucos sendo modificada. Na última década, por exemplo, a proporção de mulheres que ingressou para o quadro de professores foi de 30% e antes disso, nos anos 80, foi de 20%. Um salto significativo comparado às décadas anteriores que registram um ingresso de mulheres nunca superior a 10%.

Gráfico: Evolução da participação feminina no corpo docente

Fonte: FEA

Em maio de 2006, a FEA contava com 25 mulheres no corpo docente sendo 13 no Departamento de Economia, 9 no Departamento de Administração e 3 professoras no Departamento de Contabilidade.

Distribuição de Mulheres Titulares, Doutoras e Associadas por Departamento

	Econ	Cont	Adm	Econ	Cont	Adm	Econ	Cont	Adm
Mulher	6		2	4	3	4	3		3
Homem	16	4	12	32	18	37	11	3	13

Como já foi comentado, no Dep. Contabilidade/Atuária, até 2006, as mulheres chegaram apenas ao degrau acadêmico de doutoramento. Ainda não há professoras associadas, nem titulares.

Mas tal como nos outros departamentos da FEA, as professoras preferem o regime de dedicação exclusiva. Na Contabilidade/Atuária, há 84% de mulheres em RDIDP contra 55% dos homens.

No âmbito da universidade, a meritocracia coloca-se acima da questão do gênero.

Mulheres e homens com a mesma qualificação acadêmica têm iguais salários e oportunidades de ascensão.

Em cada Unidade da USP, para ocupar cargos de diretoria ou de chefia de Departamento, é preciso ter percorrido as várias etapas da carreira acadêmica.

No meio acadêmico da USP e da FEA, a mulher vem se fazendo cada vez mais presente. No passado, os cursos de Economia, Administração e Contabilidade atraíam menos mulheres do que hoje. Também no passado era menor o número de mulheres que prestavam concursos para ingresso na FEA como professor.

A conquista de posições historicamente ocupadas apenas por homens remete à reflexão sobre as diferenças de gestão.

Entrevistada durante a elaboração desta pesquisa, a então diretora da FEA, profa. dra. Maria Tereza Fleury acredita que há diferenças e explica:

> *Eu acho que a gestão da mulher dentro da universidade implica uma liderança entre pares. E a liderança entre pares significa que você tem que estar muito mais mobilizando as pessoas para um determinado projeto do que impondo um determinado projeto. A mulher mobiliza, negocia, ouve mais, sabe conversar com um, com outro. Não acreditava nisso, mas hoje acho que existe um certo estilo feminino de gestão. A mulher lida melhor com a diversidade, aprende mais ouvindo os outros, tem outras formas de trabalhar.*

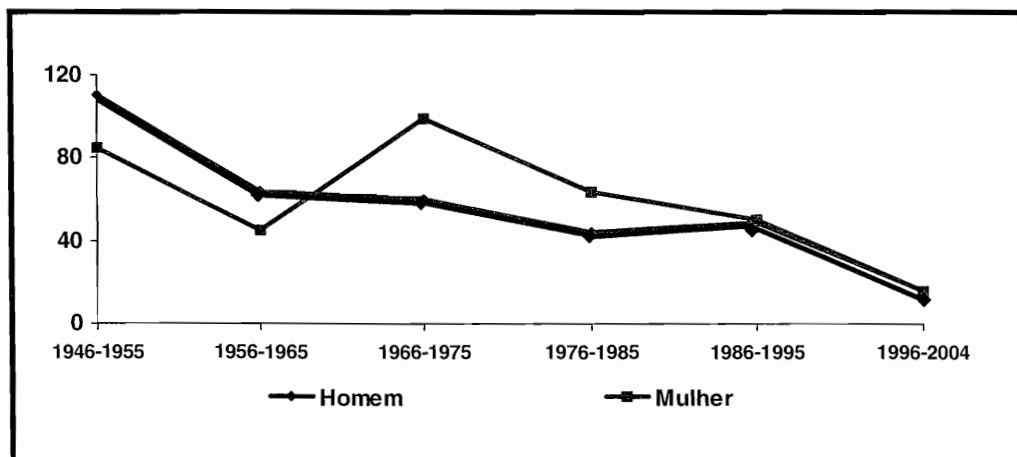
3. As funcionárias na FEA-USP

Além do corpo docente, a FEA – centro de excelência – contou também com uma administração de homens e mulheres que passaram parte de suas vidas provendo as condições necessárias para seu pleno funcionamento em serviços administrativos e técnicos, inclusive biblioteca, manutenção e segurança.

O quadro de inativos revela que do total de 706 registros, 50% dele é composto por mulheres, o que evidencia um equilíbrio nas contratações. No entanto, nos primeiros anos de funcionamento da FEA, os homens são maioria e só foram numericamente inferiores às mulheres a partir da década de 1960.

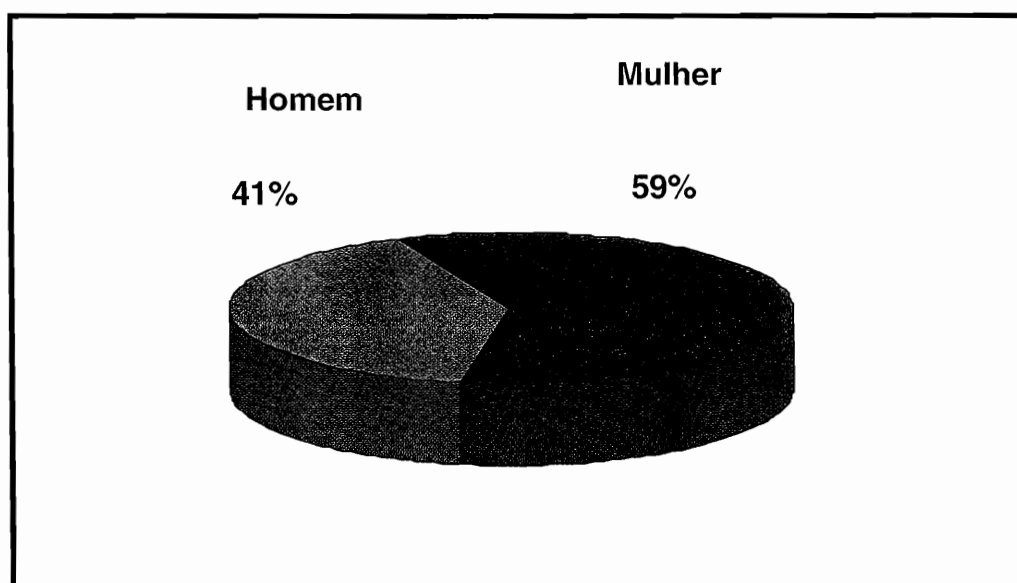
Gradativamente, o quadro de funcionários vai se completando e durante 30 anos verifica-se que é maior a contratação de mulheres do que homens.

No decorrer da última década, o total dos funcionários/as vem diminuindo, tendência semelhante à verificada no quadro docente.

Evolução da participação de mulheres e homens no total de funcionários da FEA-USP

Fonte: FEA

O registro de funcionários levantado em fevereiro de 2006 revela que a participação das mulheres é maior: no total de 127 funcionários, havia 75 mulheres (59%) e 52 homens (41%).

Mulheres e homens no total de funcionários da FEA-USP (2006)

Base: 127

Considerações finais

A FEA no século 21

A FEA, centro de excelência, continua a formar docentes, pesquisadores, técnicos e executivos que se destacam, há várias décadas, nas áreas de economia, administração e contabilidade/atuária.

A FEA mantém o elevado *padrão de qualidade* que caracteriza a Universidade de São Paulo. Seus seis prédios no campus da Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira (Butantã) são freqüentados regularmente por cerca de 4 mil alunos dos Cursos de Graduação dos Departamentos de Economia, Administração e Contabilidade, e 400 alunos dos Cursos de Pós-Graduação dos três Departamentos.

Seu corpo docente já foi mais numeroso. Vários professores, entretanto, temerosos de drásticas mudanças nas normas previdenciárias, aposentaram-se no decorrer dos anos 1990. Assim, por exemplo, somente no Departamento de Economia, em 1985 havia 135 professores em exercício (a grande maioria em tempo integral), total que caiu para 69 em 2005, apesar do significativo aumento de alunos matriculados, tanto em graduação como em pós-graduação.

Então, em 2005, os três Departamentos juntos contavam com 180 docentes, sendo 69 no Departamento de Economia (EAE), 73 no Departamento de Administração (EAC) e 38 no Departamento de Contabilidade (EAC).

A FEA na Universidade de São Paulo

A FEA, parte do complexo USP, é reconhecida como a maior instituição de ensino e de pesquisa do Brasil. É a sérima Unidade da USP em número de publicações. Ocupa posição de destaque entre as 35 Unidades (Faculdades, Escolas e Institutos) que compõem a USP[3]. Na área cultural, a USP conta com o IEA (Instituto de Estudos Avançados), 38 bibliotecas reunidas no SIBI (Sistema Integrado de Bibliotecas da USP), Orquestra Sinfônica, Orquestra de Câmara, Coral (CORALUSP), teatro (TUSP), cinema (CINUSP Paulo Emílio), Estação Ciência, Centro Universitário Maria Antônia, museus (MAC, Museu de Arte Contemporânea; MAE,

[3] Além de 35 unidades (Faculdades, Escolas e Institutos), a USP conta também com órgãos de integração (Museus, Institutos Especializados, Núcleos de Apoio) e Órgãos Complementares (Hospitais).

Museu de Arqueologia e Etnologia; MP, Museu Paulista, conhecido também como Museu do Ipiranga; MZ, Museu de Zoologia e outros), além de importantes acervos mantidos em diversas Unidades.

De 1988 a 2002, a USP apresentou 25,6% da produção científica do Brasil e 49,3% do Estado de São Paulo.

O corpo docente da USP ultrapassa 5.000 professores, sendo 3.500 dedicados exclusivamente à docência e à pesquisa. A USP responde por mais de 50% da produção técnico-científica brasileira e desempenha importante papel no cenário latino-americano e mundial, tanto no ensino de terceiro grau quanto na pesquisa científica.

O corpo discente é numeroso, podendo-se estimar que cerca de 70 mil alunos/semestre freqüentam os cursos de graduação, pós-graduação, especialização, aperfeiçoamento, reciclagem e outras múltiplas modalidades de cursos de extensão ministrados pelas Unidades, Museus, Núcleos de Apoio à Pesquisa, Núcleos de Apoio à Cultura, Comissão USP-Terceira Idade, Centros Acadêmicos etc.

Atualmente, o total de alunos de pós-graduação é da ordem de 22 mil. Em relação ao Brasil, a USP registrava, em 2004, 16,5% dos mestrandos e 27% dos doutorandos.

Referências bibliográficas

ALVES, Aloísio Pinto. A Unidade de Processamento de Dados (UPD). In: CANABRAVA, Alice Piffer (Org.). **História da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo**. São Paulo: FEA-USP, 1981. v. 1. p. 313-319.

ALVES, Denisard Cnéio de Oliveira. A Reforma Estatutária da Universidade de São Paulo. In: CANABRAVA, Alice Piffer (Org.). **História da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo**. São Paulo: FEA-USP, 1981. v. 1. p. 113-123.

AMARAL, A . P.; MARTINS, E; KANITZ, S. C. Departamento de Contabilidade e Atuaria. In: CANABRAVA, Alice Piffer (Org.). **História da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo**. São Paulo: FEA-USP, 1981. v. 1. p. 135-151.

CABRAL, Violeta da Nóbrega. A Biblioteca. In: CANABRAVA, Alice Piffer (Org.). **História da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo**. São Paulo: FEA-USP, 1981. v. 1. p. 305-311.

CANABRAVA, Alice Piffer. As condições sociais, econômicas e políticas da fundação: Perpectiva Histórica. In: CANABRAVA, Alice Piffer (Org.). **História da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo**. São Paulo: FEA-USP, 1981. v. 1. p. 7-33.

CNPEC, Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária. Coleção Terra Paulista – histórias, arte, costumes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado. 2004, 3 volumes.

COFECON, Conselho Federal de Economia. **Jornal do Cofecon**, vários números.

COSTA, I. Del Nero; NOZOE, Nelson. O Departamento de Economia. In: CANABRAVA, Alice Piffer (Org.). **História da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo**. São Paulo: FEA-USP, 1981. v. 1. p. 125-133.

DADOS secundários sobre a presença feminina na FEA – levantamento de GOLFETTE (Marilene) e JORGE (Patrícia Lucas) nos arquivos da FEA-USP, 2006.

DELFIM NETTO, Antonio. Luiz de Freitas Bueno. **Folha de São Paulo,** São Paulo, 22 mar. 2006. p. A2.

MACEDO, Roberto B. M. A projeção da entidade e de seus Institutos e Fundações no Quadro Científico e Profissional. In: CANABRAVA, Alice Piffer (Org.). **História da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo**. São Paulo: FEA-USP, 1981. v. 1. p. 321-323.

MARTINS, José de Souza. A São Paulo imaginária de Diva Pinho. **Valor Econômico**, 21 out. 2006. p. 6-7.

PINHO, Diva Benevides. A ciência econômica – do século XXI às suas origens. In: PINHO, Diva Benevides et al. **Teoria econômica**. São Paulo: Saraiva, 2006 (no prelo).

____________________ Aspectos da evolução da ciência econômica – da economia da informação às raízes do pensamento econômico. In: PINHO, Diva Benevides et al. **Manual de Economia.** 5.ed. São Paulo: Saraiva, 2004.

____________________ **A FEA-USP no século 21**. São Paulo: ESETec, 2002.

____________________ **Gênero e Desenvolvimento em Cooperativas** – compartilhando igualdade e responsabilidades. São Paulo: OCB/Sescoopr/Esetec. Versão em inglês: 2000.

____________________ Reminiscências da Faculdade da Maria Antônia. In: MARIA Antonia: uma rua na contramão. São Paulo: Nobel, 1988.

____________________ O Departamento de Ciências Econômicas. In: CANABRAVA, Alice Piffer (Org.). **História da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo**. São Paulo: FEA-USP, 1981. v. 1. p. 37-59.

____________________ Outros Departamentos. In: CANABRAVA, Alice Piffer (Org.). **História da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo.** São Paulo: FEA-USP, 1981. v. 1. p. 79-85.

____________________ **O ensino de economia na FEA**. São Paulo: FIPE, 1972. (Seminário FIPE).

PORTA, Paulo (org.). **A cidade na primeira metade do século XX**, 1890-1954. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

TOLEDO, Benedito Lima. **Três cidades em um século**. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

VASCONCELOS, E. P. G.; TOLEDO G. L.; TREVISAN, G. D. M. O Departamento de Administração. In: CANABRAVA, Alice Piffer (Org.). **História da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo**. São Paulo: FEA-USP, 1981. v. 1. p. 153-173

Apoiaram esta publicação:

BM&F
Banco Itaú
Banco Santander Banespa
Caixa Econômica Fereral
Fipecafi
Fipe
FIA
Grupo Abril
Jornal Valor Econômico
Jornal O Estado de São Paulo
Metrô de São Paulo
Sabesp

Profa. Dra. Diva Benevides Pinho

Economista, bacharel em Direito (FD-USP), licenciada em Ciências Sociais (FFCL-USP).

Na FEA-USP submeteu-se a todos os concursos de títulos e provas da carreira docente.

Atualmente é membro do Alto Conselho Consultivo do Depto. de Economia da FEA-USP, pesquisadora das Fundações FIA e FIPE (USP), membro da Diretoria da AAMAC (Assoc. dos Amigos do MAC-USP) e da Diretoria da AMEFEA (Associação dos Amigos do Depto. de Economia da FEA). Tem publicações nas áreas de Economia, Cooperativismo e Arte.

Cf. site – www.divabenevidespinho.ecn.br